

acacia

Clube de Fantasia



20 ANOS
DE HQ DA
PARAIBA!



A INCRÍVEL HISTÓRIA DOS QUADRINHOS

HENRIQUE MAGALHÃES

**A INCRÍVEL HISTÓRIA
DOS QUADRINHOS**

Vinte anos de quadrinhos da Paraíba

HENRIQUE MAGALHÃES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1 - CENÁRIO MUNDIAL DOS QUADRINHOS	9
Os quadrinhos da Paraíba	13
2 - DO PIONEIRISMO À LUTA CONTRA A REPRES- SÃO	
As aventuras do Flama	15
Edição Extra	18
O vazio e a repressão	22
3 - A EUFORIA DA NOVA IMPRESSÃO	
O Norte traz a nova	25
A cuca do Cuca	29
O vampiro neurótico	31
4 - A EXPLOSÃO DOS SUPLEMENTOS	
Assalto às redações	35
A vez dos pirralhos	46
5 - TIRAS DIÁRIAS E CENSURA	53
6 - AS ORIGENS	
O nascimento de Welta	59
Maria e sua criação	60
7 - ALTERNATIVAS DA PARAÍBA	63
Outras publicações	68
As revistas da Oficina	70
8 - OS FANZINES DÃO A DICA	73
9 - NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS QUADRINHOS BRASILEIROS	77
10 - CONCLUSÃO	79
- CRONOLOGIA	81
- BIBLIOGRAFIA	83

659.3

M188i Magalhães, Henrique

A incrível história dos quadrinhos.
João Pessoa, Sancho Pança, 1983.

P.

1. HISTÓRIA EM QUADRINHOS

2. COMUNICAÇÃO DE MASSA

3. ESCRITORES PARAIBANOS

I. TÍTULO

UFPb/FPL

1983 HENRIQUE MAGALHÃES

Capa e diagramação: Henrique Magalhães

Co-edição

MARCA DE FANTASIA

Rua Marcionila da Conceição, 1365

Cabo Branco — fone: 226-1528

58000 - João Pessoa - PB

ACÁCIA

SANCHO PANÇA

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento de todos os personagens de Histórias em Quadrinhos produzidos na Paraíba, desde seu surgimento em 1963 até hoje, perfazendo os vinte anos de criação, relacionando os personagens com o contexto político/social de suas respectivas épocas, além da descrição dos vários momentos específicos, e suas características, por que passaram nossas Histórias em Quadrinhos.

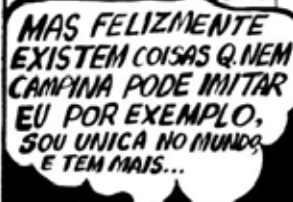
Pretende preencher o vazio que existe na literatura paraibana referente aos nossos quadrinhos, e servir de subsídio para várias disciplinas dos cursos de Comunicação Social e Educação Artística, que abordam as questões referentes aos meios de comunicação de massa.

Para a realização deste trabalho, além da pesquisa na literatura existente sobre quadrinhos no Brasil e no mundo, foram estudados os jornais "O Norte", "A União" e "Correio da Paraíba" juntamente com seus suplementos infantis, além do semanário alternativo "Edição Extra" já extinto, com o objetivo de organizar uma cronologia de publicação de personagens paraibanos e fichário com matérias jornalísticas afins. Também foram entrevistados vários quadrinistas, críticos e editores de quadrinhos, estabelecendo os momentos mais importantes que marcaram as crises e o crescimento da produção dos quadrinhos paraibanos.

O passo seguinte foi a organização desse trabalho, que muito mais que uma monografia, trata-se de um depoimento em que o leitor poderá muitas vezes, deparar-se com o tom emocional e a linguagem simples e vivencial do texto, onde se evidencia a participação do autor na própria história das Histórias em Quadrinhos da Paraíba.

BAT-MADAME

CAMPINA
em
GRANDE



ANCO & LUZARDO

"Bat-Madame", a ironia aos nossos costumes.

CENÁRIO MUNDIAL DOS QUADRINHOS

A História em Quadrinhos, uma das formas de cultura de massa ávidamente consumida, nasceu para e no jornalismo no fim do século passado, mas tem suas origens mais remotas na antiga China, em Pompéia e em Atenas, onde a comicidade nas artes visuais já era bastante difundida. Na Idade Média, não só as histórias cômicas mas até mesmo as religiosas eram ilustradas com uma série de desenhos que acompanhavam seu desenrolar. Mas foi em 1895, que surgiu nos Estados Unidos o "Yellow Kid", criação do desenhista Richard F. Outcault para o jornal "World" de Joseph Pulitzer, a primeira História em Quadrinhos como a conhecemos até hoje. "Yellow Kid" era um menino sorridente, com cara de chinês, vestindo um camisolão amarelo, que aparecia dentro de um quadro com o texto incorporado ao desenho. Seu sucesso foi imediato e logo os outros jornais começaram a lhe fazer concorrência. Aparecem os "Kantzenjammer Kids" ou "Os Sobrinhos do Capitão" de Roldolph Dirks, o primeiro desenhista a utilizar os "balões" onde era colocado o texto, com uma indicação do personagem que fala, e a dar uma sucessão aos desenhos, criando as tiras em quadrinhos.

No Brasil o pioneirismo coube à revista "O Tico-Tico", que lançou em 11 de outubro de 1905 "Buster Brown", batizado aqui de "Chiquinho", de Richard Fenton Outcault, o pai de "Yellow Kid". "Chiquinho" foi um sucesso tão grande que, após Outcault deixar de desenhá-lo nos States, a revista continuou o personagem desenhado por artistas brasileiros.

Algumas tentativas do editor pioneiro Adolfo Aizen em criar histórias escritas e desenhadas no Brasil, somente deram certo com a adaptação de romances brasileiros, publicados pela "Edição Maravilhosa".

O lançamento do "Suplemento Juvenil", em 14 de março de 1934, por Adolfo Aizen foi o grande acontecimento das Histórias em Quadrinhos. Sendo publicadas três edições semanais, em tamanho tablóide e em cores, lançou no Brasil importantes personagens famosos em todo o mundo, como Flash Gordon, Jim das Selvas, Tarzan, X-9, Mandrake, Dick Tracy, Príncipe Valente, Terry e outros, além de diversas histórias nacionais como "Roberto Sorocaba" de Monteiro Filho, que saiu desde o primeiro número. Sua tiragem jamais foi superada, chegando a 360 mil exemplares nas três edições semanais.

Depois surgiu "O Globo Juvenil", entre outros do gênero, que em tudo imitava o "Suplemento" mas que também lançou importantes personagens.

Anos mais tarde, após o fim do velho "Suplemento" Adolfo Aizen funda a Editora Brasil-América, em maio de 1945, cuja primeira revista "O Herói" tornou-se eixo central do que é a grande EBAL de hoje.

Apesar do sucesso da nova arte e meio de comunicação, durante muitos anos os quadrinhos foram mal vistos e desconsiderados no mundo inteiro. Mas, foi graças a um grupo de europeus, Resnais, Fellini, Lelouch, Eco, McLuhan, Marcuse, Morin, Damiani, entre outros, que, corajosamente, depois de consagrados artisticamente no mundo todo, tiveram a honestidade de se confessar formados pelo meio de expressão que seus pais e professores condenavam como deletérios para a infância, mostrando, pelo contrário, com suas próprias vidas, a negação das acusações do Dr. Frederic Wertham, no livro "Sedução dos Inocentes", que preconizava quase a danação dos infernos para as crianças que tivessem lido "comics".

O mundo deu um enorme salto à frente, corrigindo uma injustiça da crítica de arte, que ignorou, durante meio século, a importância dos quadrinhos no mundo contemporâneo.

Foi acreditando nos quadrinhos como arte que um grupo de desenhistas e admiradores dos quadrinhos organizaram em 1951 a Primeira Exposição Internacional de História em Quadrinhos, pioneira no mundo, em São Paulo, a 18 de junho, no Centro Cultura e Progresso. Os organizadores eram Jayme Cortez, desenhista português radicado no Brasil, Alvaro de Moya, Miguel Penteado, Reinaldo de Oliveira e Syllas Roberg. Na exposição tinham originais de Alex Raymond, Hal Foster, Milton Caniff, Herrmann, Al Capp e outros enviados pelos artistas e pelo King Features Syndicate.

Muitas tentativas foram feitas para fazer vingar os quadrinhos autenticamente brasileiros. No Rio Grande do Sul houve uma tentativa, durante o governo Brizola, de fazer-se histórias em quadrinhos sob tutela do Estado gaúcho. Criou-se o personagem "O Aba-Larga", que teve que partir para outras plagas com a mudança de governo.

Mas só quem conseguiu desenvolver-se de alguma forma foram os desenhistas de histórias de terror e histórias pornográficas. A imensa procura por histórias de terror conseguiu fazer revistas desenhadas aqui que em nada ficavam a dever às similares estrangeiras. As histórias pornográficas circulam abundantemente apesar de serem mal desenhadas e de terem péssimos argumentos.

A revista "Grilo", no início da década dos 70, facilitou as tentativas do sureimento dos quadrinhos "underground" no Brasil e estreitou os laços entre nosso país e o melhor dos quadrinhos contemporâneos publicados na Europa e Estados Unidos.

Poderíamos citar uma infinidade de bons desenhistas brasileiros, como o inconfundível J. Carlos, que ora desenhavam seus personagens, ora desenhavam as continuções de personagens estrangeiros, mas resumiremos a citar quatro que conseguiram, de maneira mais evidente e excepcional, se projetar com seus personagens no cenário nacional: Maurício de Sousa, que a partir de 1961 começou a publicar seus quadrinhos em vários jornais de São Paulo e hoje é o único que consegue viver

de quadrinhos no Brasil, tendo conseguido montar um estúdio que publica várias revistas no Brasil e em várias partes do mundo. Ziraldo inovou o mundo dos quadrinhos infantis em 1959, tornando "Pererê" o mais autêntico personagem brasileiro. Foi um grande sucesso até o início da década dos 60, a criação de Moysés Weltman para o rádio e adaptado para os quadrinhos por Edmundo Rodrigues, "Jerônimo, O Herói do Sertão" em julho/agosto de 1957. Quando foi editada a revista, Jerônimo já tinha milhares de fãs que escutavam suas aventuras pelo rádio, o que obrigou a editora a fazer uma segunda edição do primeiro número, tal o sucesso de vendas. Jerônimo teve uma brilhante carreira nos quadrinhos nacionais, igualando-se aos clássicos internacionais, chegou ao número 93 de sua revista, quando foi interrompida em 1962. Henfil, com seus "Fradinhos" e a turma do sertão, "Zerferino", "Orelana", "Graúna", são os quadrinhos mais críticos do Brasil. Foram publicados em tiras diárias e em revista própria pela Editora Codecri por mais de três anos, em meados dos anos 70.

Mas não podemos ver os quadrinhos brasileiros apenas através dos poucos artistas que se projetaram no cenário nacional. É preciso ver que a falta de oportunidades, o fechamento, descrédito e descaso das grandes editoras levou muitos desenhistas a procurar se virar com o que podem e quase sempre as pequenas editoras não podem bancar um investimento como a publicação de revistas em quadrinhos, tão pouco pagar a seus autores, já que encontram, de antemão, um mercado saturado pelas grandes editoras que preferem trabalhar com o material importado barato e respaldado pelos programas de televisão. As grandes editoras querem lucro imediato, então para elas não vale a pena investir nos quadrinhos nacionais.

Os quadrinhos brasileiros devem ser vistos, ainda, por um outro ângulo, de que nem só o eixo Rio/São Paulo, onde estão as grandes cidades, se interessam por eles. Ao contrário do que se pensa, todos os Estados brasileiros

os produzem, mesmo que na marginalidade, sem poder mostrá-los ao grande público.

É imprescindível falar, quando se discute Histórias em Quadrinhos brasileiras, do movimento originado em todo o país em meados da década de 70. Se fez muitos quadrinhos por esta época no Brasil, mas uns quadrinhos muito especiais. Inspirados na experiência e na linha editorial do "Pasquim", estudantes, artistas, desenhistas se interessaram pelo grande veículo de massa que é as Histórias em Quadrinhos e lançaram uma infinidade de revistas alternativas, em sua maioria dentro das universidades. Revelou-se muita gente boa. Os quadrinhos, portanto, assumiram um papel de contestação à norma social e política estabelecida, o que gerou, em todos os Estados, o interesse pela arte de fazer quadrinhos. Após este primeiro momento de pura contestação e desabafo dos desenhistas que se mantinham forçosamente calados por muito tempo, abriu-se um leque de temas explorados pelos quadrinhos que vão hoje da sátira política até ao super-herói nos moldes americanos. O mais importante neste movimento foi a independência que os quadrinistas mantiveram a qualquer editora e a tentativa, na maioria das vezes infelizmente frustrada, de se agrupar quadrinistas em torno de um mesmo ideal: fazer quadrinhos.

Os quadrinhos da Paraíba

Os quadrinhos paraibanos podem ser entendidos em três fases principais: primeira com o surgimento dos quadrinhos em 1963; a segunda com a retomada através do jornal nanico "Edição Extra" em 1971 e o lançamento de "O Norte" em off-set; e, finalmente, a terceira fase que chega até hoje, a fase caracterizada como o movimento de quadrinhos da Paraíba. Cada fase corresponde a especificidades e a momentos políticos próprios onde os quadrinhos se desenvolveram. Analisaremos cada uma delas e suas excessões, a partir da ordem cronológica de publicação dos quadrinhos, portanto partiremos do início, ainda em 1963, com "As Aventuras do Flama".

DO PIONEIRISMO À LUTA CONTRA A REPRESSÃO

As aventuras do Flama

“As Aventuras do Flama” foi uma tentativa idealizada por Deodato Borges, de fazer um programa de rádio regional ao nível de “Jerônimo”, personagem da rádio novela nacional. Era um programa policial e de aventuras que tinha seqüências diárias como uma novela. “As Aventuras do Flama” causou grande impacto em Campina Grande, onde era transmitido pela Rádio Borborema, no começo dos anos 60, conseguindo manter uma audiência total em seu horário e se tornando conhecido no dia-a-dia do povo campinense. O programa também era constituído de um narrador, ou apresentador, que fazia distribuição de brindes com seus ouvintes. Tinha o patrocínio de “O Mundo dos Chocolates” que colocava à disposição do programa “Drops Dulcora” e produtos “Nestlé” em troca de respostas às perguntas e adivinhações sobre o personagem.

Foi para presentear seus ouvintes que Deodato teve a idéia de transformar “As Aventuras do Flama” em histórias em quadrinhos, surgindo daí a primeira revista do gênero na Paraíba, em março de 1963. Impressa “à quente”, em linotipia, a revista era uma verdadeira aventura para quem quer que imaginasse tal empreendimento, dado o alto custo que isto representa.

Mas, partindo de Deodato, um apaixonado curtidor e colecionador de quadrinhos, era natural que tal esforço



"As Aventuras do Flama", o primeiro personagem dos quadrinhos paraibanos

fosse empreendido. "As Aventuras do Flama" conseguiu se manter ainda por cinco números. Hoje a maioria das revistas alternativas do Brasil não chegam ao terceiro, portanto, dá pra ver a dimensão que a revista de Deodato representou.

No Brasil, por esta época, vivia-se um momento de grande engajamento político de vários setores da sociedade, e isto também se refletiu nos quadrinhos. A criação da "Turma do Pererê" de Ziraldo, era o melhor exemplo de como se tentava fazer um quadrinho nacional para concorrer com a enxurrada de quadrinhos americanos

publicados aqui. Também desta época foi o "Dr. Macarra" de Carlos Estevam, e "Rafles", um herói de aventuras de Zé Geraldo, ambos publicados pela Editora O Cruzeiro, na revista "O Guri". Existia, como ainda hoje, uma centralização dos meios de produção cultural no eixo Rio-São Paulo, onde irradiava todos os movimentos culturais. Os quadrinhos estavam incluídos neles, logicamente, por não haver maior facilidade de investimentos em outras regiões — as grandes editoras estavam no sudeste — os quadrinhos brasileiros teriam que surgir dentro destas empresas. E não pensem que mesmo assim a coisa se tornava fácil. Havia um imperialismo americano que dificultava o empreendimento de trabalhos artísticos que representassem, verdadeiramente, uma identidade nacional. Se foi possível realizar a criação de alguns personagens, foi graças ao clima de nacionalização e anti-imperialismo que era a bandeira da intelectualidade brasileira da época.

Como vimos, haviam todas as dificuldades não só de produção mas também de mercado para os quadrinhos publicados no sudeste, imagine para os quadrinhos feito na Paraíba, de forma alternativa.

Isto, porém, ocorreu, graças em muita à criação do público anterior à publicação. Quando "As Aventuras do Flama" saiu em revista, já havia um fã-clubes do programa de rádio e que era, em potencial, o público consumidor da revista. Os mil e quinhentos exemplares, alguns iam para as bancas, eram disputados pelos fãs imediatamente após o lançamento da revista.

É possível ver na revista do Flama (duplo formatinho, 40 páginas e capa em duas cores) um fenômeno que é uma exceção para a História em Quadrinhos nacional. Para a Paraíba, era a concretização do sonho de um criador em troca de seu incrível esforço pessoal e de sua visão de oportunidade de ação. Para o público, o prazer de conviver com seu personagem e a admiração e quase incredulidade de ver surgir uma revista em quadrinhos na Paraíba.

Foram preciso oito anos para que outro personagem de quadrinhos paraibano tomasse de assalto o público leitor. Após a extinção da revista "As Aventuras do Flama", ainda em 1963, criou-se um vazio no mundo dos quadrinhos paraibanos e isto só vem confirmar o grau de dificuldades encontradas para a sua produção. Se houvessem veículos que incentivassem, talvez algumas pessoas mais se aventurassem a penetrar no fascinante mundo das Histórias em Quadrinhos. Na realidade, ao produtor de História em Quadrinhos brasileira é preciso que tenha uma força de vontade fora do comum, independente da facilidade ou não de encontrar um veículo para publicação. Para esta arte é necessário reunir várias noções de outras artes, como a literatura, para a criação de diálogos, argumentos, dramatizações, etc.; artes plásticas, no que diz respeito ao desenho, noções de claro e escuro, estética dos quadrinhos dentro da página, etc.; e cinema, na forma de dispor os personagens dentro dos quadros, angulação, etc. Tudo isto exige do autor de História em Quadrinhos um apurado estudo auto-didata, já que não existe escola que ensine a fazer quadrinhos, e grande percepção do mundo físico, emocional e intelectual que está à sua volta. Daí o fato de poucas pessoas se dedicarem a esta arte. Mesmo dividindo o trabalho entre texto e desenho com outra pessoa, um trabalho de grupo pressupõe a exigência de outros fatores, no caso, normas de convivência que podem ajudar ou não a efetivação do trabalho.

Voltando à história das Histórias em Quadrinhos da Paraíba, teremos que, após oito anos de vazio, veremos nascer um dos personagens mais importantes da nossa história. Trata-se de "Bat-Madame", de Luzardo, com os desenhos, e Anco Marcio, que fazia os textos.

"Bat-Madame" surgiu ao mesmo tempo em que apareceu o jornal nanico (tablóide alternativo) "Edição Extra". A história dos dois está diretamente interligada, já que ambos autores de "Bat-Madame" eram editores do "Edi-

ção Extra". Luzardo chega a afirmar que "Bat-Madame" só surgiu porque surgiu também o jornal. Não havia uma preocupação anterior em fazer quadrinhos, segundo Luzardo. Então como se justifica a criação de "Bat-Madame" se não havia um estudo anterior para isto? Ora, além de ser leitor de quadrinhos, Luzardo vivia desenhando charges, o que exige uma grande percepção da realidade, e com isto desenvolveu seu personagem e traço. Anco vinha de investidas no mundo teatral onde desenvolvia seu humor. Daí foi só se juntarem dentro da redação do "Edição Extra" para criarem sátiras incríveis sobre nossa realidade



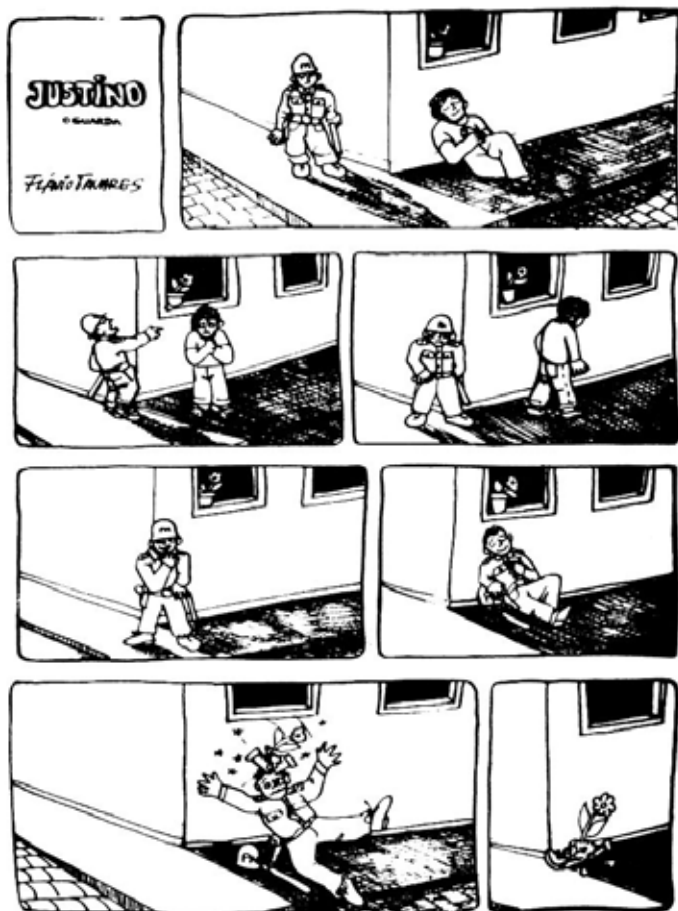
A personagem oficial do semanário "Edição Extra".¹

social, transformando em tragicomédias as situações mais usuais de nosso dia-a-dia. A ironia começava mesmo pela própria personagem que era uma visão esrachada do famoso "Batman", conhecido por todos os leitores e não leitores das Histórias em Quadrinhos. Luzardo e Anco contribuíram de maneira fundamental para a inovação das Histórias em Quadrinhos. O traço caricatural e pouco convencional de Luzardo, tinha relação direta com o relaxamento dado aos contornos dos quadros. Não havia limite estrutural que prendesse "Bat-Madame". Ela chegava muitas vezes a interromper o argumento lógico da história, afastar uma das hastes do quadro e se dirigir diretamente ao leitor, o que era uma situação bastante inovadora no mundo dos quadrinhos, ou se não, pouco usual. Se existia alguma situação parecida nos quadrinhos mundial, ela, por certo, deveria ser encarada como uma exceção.

"Bat-Madame" era o melhor retrato do que pretendia ser a linha editorial do "Edição Extra". O fato de o jornal ser alternativo, numa estrutura em que só existiam as grandes empresas, já dava uma aparência de fora do comum. Na realidade, o "Edição Extra" era um jornal fora do comum. Inspirado no maior renovador da imprensa nas últimas décadas no Brasil, O Pasquim, o "Edição Extra" captava com perfeição a ironia e o senso crítico e humorístico deste jornal e focalizava os acontecimentos políticos e sociais de nossa comunidade paraibana. Não faltaram furos, as entrevistas controvertidas e os disse-me-disse de nossa sociedade de uma maneira geral. E apesar de ser um jornal questionador, manteve-se livre durante todo seu período de vida, da repressão política, como a que sofreu "O Pasquim". "Edição Extra" era um feito sensacional da imprensa paraibana, um dos poucos naniços do Brasil na sua época, e o primeiro jornal impresso em off set na Paraíba.

No meio destas inovações todas, "Bat-Madame" veio coroar este momento especial da história brasileira, passando incólume pela fase de maior repressão política após o golpe militar de 1964.

“Edição Extra” teve, porém, vida curta, não chegou a duas dezenas de edições. Apesar de sua ótima aceitação pelos leitores de João Pessoa, onde circulava, não pode continuar por falta de verbas. Como se sabe, um jornal não pode sobreviver de sua vendagem pois custa muito mais que o preço por ele cobrado. Em geral, os jornais



Flávio Tavares e a crítica ao poder.

vivem da venda de publicidade, e foi justamente por isto, falta de apoio do comércio, que o “Edição Extra” se viu obrigado a fechar.

Não só “Bat-Madame” se fez presente no “Edição Extra”. Traduzindo o mesmo espírito do jornal, Luzardo criou, individualmente, as aventuras de “Adão e Eva no Paraíso”, irreverentes histórias seriadas sobre a criação da humanidade, embora com menos frequência de publicação que “Bat-Madame”.

Também nas páginas do “Edição Extra” está uma única História em Quadrinhos de Flávio Tavares, “Justino, o Guarda”, uma sátira ao cotidiano e à relação de poder na sociedade.

O vazio e a repressão

Oito anos separam a primeira criação de quadrinhos de suas posteriores na Paraíba. Entre “As Aventuras do Flama” e “Bat-Madame”, “Justino” e “Adão e Eva no Paraíso”, abre-se um incômodo vazio que leva-nos a buscar razões para tal acontecimento. Já foi colocado o motivo mais razoável para o desaparecimento de “As Aventuras do Flama”, mas por que razão não apareceram outros aventureiros como Deodato Borges que se lançassem na luta para realizar seu trabalho? É claro que na Paraíba como em todo o mundo os leitores de quadrinhos fogem às estimativas e é lógico também que entre esses leitores paraibanos, mais de um se interessem em fazer quadrinhos. Ou não? No caso da resposta ser negativa, o que não deixa de ser uma possibilidade, quais as razões que levaram ao desinteresse dos leitores em estudar e produzir arte tão popular e consumida?

A situação pode ser vista de outro ângulo. O Brasil é um país que pouca importância dá a sua arte. Até à Segunda Guerra Mundial, vivia sugando a cultura francesa para a sua sobrevivência e desprezando as manifestações da terra. No pós-guerra a situação apenas mudou de senhor, assumindo, a grandiosos lucros para eles, o imperialismo da cultura americana, ganhadora da guerra e senhora de meio planeta.

Contra esta situação de subserviência surgiram vários

movimentos em todo o Brasil, como o "cinema Novo", os "CPC" da UNE, o "Teatro Oficina" e "Arena", os festivais de música e a genial revista em quadrinhos "Pererê", de Ziraldo.

Na Paraíba, como ocorreu com o cinema de Linduarte Noronha que lançou o Cinema Novo através de "Aruanda", haviam as concorridas Semanas de Teatro Universitário em João Pessoa, Associação de Críticos de Cinema, uma intensa movimentação cultural e política, levada por esta mesma energia gerada pelo nacionalismo da época. E é nesta mesma época, em 1963, que aparece a primeira revista em quadrinhos.

Em 1964 "As Aventuras do Flama" já não existia, como não existia mais a maioria dos trabalhos e grupos culturais.

1964 é o marco da história contemporânea do Brasil. O golpe militar não abria mão de seu modelo autoritário de governo, estabelecido com armas sobre o povo brasileiro. Representante dos grandes conglomerados industriais principalmente americanos, o golpe era o instrumento para a entrada do capital estrangeiro no país através do lema de industrialização e desenvolvimento. Se nossa dependência antes era aparentemente apenas cultural, passou a ser, neste momento, mais claramente política, econômica e social. Arrochando a economia e colocando o lucro nas mãos de poucos, conseguiu empobrecer cada vez mais o povo brasileiro e levar à falência as pequenas empresas nacionais, entre elas as gráficas e editoras.

Em meio a esta crise desenvolveu-se uma violenta repressão que eliminou qualquer questionamento ao novo sistema. Muitos trabalhadores, muitos estudantes, muitos intelectuais sentiram na pele o endurecimento do sistema e se, até 1968 se podia, em alguns setores como o artístico, reivindicar alguma liberdade ou propor mudanças, a partir daí, com o AI-5, calou-se totalmente a nação brasileira.

Se antes do golpe as dificuldades financeiras, entre outros motivos, não incentivava a publicação de quadri-

nhos brasileiros no Brasil, imaginem somando-se a estas dificuldades agravadas, o fato de qualquer manifestação artística ter se tornado um ato subversivo!

O Brasil tremeu e quase se paralisou frente a repressão. A Paraíba não saiu ilesa deste processo, visto que aqui desenvolveu-se um foco de resistência estudantil e das Ligas Camponesas que acabou recebendo a fúria do sistema.

Deste período vale ressaltar a bravura dos jornalistas que criaram o jornal humorístico carioca “Pasquim”, enfrentando a repressão, a apreensão de jornais e a censura prévia.

Além da repressão, um dos fatores prováveis que contribuíram para o desaparecimento dos quadrinhos paraibanos entre 1963 e 1971, foi o fato de que “As Aventuras do Flama” era uma criação isolada, fruto do ideal de um criador, não advinda de um movimento ou grupo de quadrinistas, simplesmente porque ainda não haviam estes quadrinistas. O aparecimento deles se daria apenas oito anos após a criação do primeiro personagem, de uma forma bastante diferente, dentro de um veículo de contestação e unidos com o mesmo ideal de editoração.



“Planeta Maluco”, uma das primeiras tiras diárias paraibanas.

A EUFORIA DA NOVA IMPRESSÃO

O Norte traz a nova

Em 1973 uma grande novidade viria revolucionar e maravilhar o meio jornalístico paraibano. É implantado em João Pessoa um dos maiores e mais modernos parques gráficos do Nordeste. Assim, o jornal "O Norte", o de maior circulação da Paraíba, saía na frente de, inclusive, o maior e mais importante jornal da região, o "Diário de Pernambuco", com um sofisticado aparelhamento rotativo em off set.

Para um jornal como "O Norte" que não rodava mais que cinco mil exemplares diários, ficava evidente o exagero de tal investimento já que sua moderna maquinaria era capaz de tiragens inimagináveis para nós. Rodava-se então, conjuntamente, o "Diário da Borborema", da mesma empresa dos Associados, mas mesmo assim não conseguia preencher o longo período ocioso do equipamento.

O que isto significa? Ociosidade numa indústria significa prejuízos.

Mas a época em que este moderno parque gráfico foi implantado era uma época de ufanismo em que o Brasil viveu um ilusório e passageiro desenvolvimento fabricado pelo "milagre brasileiro". Era a época de se investir pois se acreditava no "milagre". É época em que a economia e a indústria receberam muitos incentivos para fazer jus ao amplamente divulgado "milagre". Se o sudeste do país viveu mais intensamente esse "milagre", o nordeste recebeu

algumas sobras de incentivos através de órgãos como a Sudene para pequenas e médias empresas.

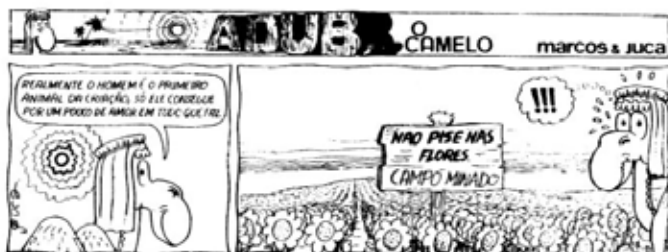
Mas como a realidade se impõe de qualquer maneira, logo investimentos como o parque gráfico do jornal "O Norte" se mostrou dispendioso e inadequado às necessidades reais de nosso jornalismo, ainda em fase primária de informações, tornando-se um equipamento demasiado custoso e à frente de nossa realidade subdesenvolvida, o que acarretou o aceleramento da dependência do jornal às publicidades e, principalmente, o atrelamento ideológico às grandes empresas e à máquina estatal.

Voltemos à época da euforia. "O Norte" sai pela primeira vez em off set, encanta os leitores e torna-se a menina dos olhos de nossos jornalistas. Arrastadas por esta novidade, algumas modificações de fato ocorreram que transformaram um pouco a feição de nosso jornalismo. tinha-se o dever de se fazer um jornal limpo, moderno, à altura do novo equipamento, e foi feito, no máximo inspirado no jornalismo mais evoluído do sudeste do país. A verdade é que foram feitas algumas mudanças e inovações, entre elas a entrada de uma página de divertimentos que era ocupada em sua metade, em forma de coluna, por várias tiras de quadrinhos. Realmente era uma novidade para nós. Se nos Estados Unidos se publica quadrinhos diários desde o início do século, mesmo com processos rudimentares de impressão para a época, para nós, não fosse o equipamento off set, seria impossível publicá-los através de clichês, ou matriz em chumbo, dado o alto custo deste investimento e nossa pobreza crônica.

Pois bem, em 1973 saíram os primeiros quadrinhos diários na Paraíba, publicados pelo jornal "O Norte". Este quadrinhos eram quatro ou cinco tiras do mundo de Maurício de Sousa e três novidades: três tirinhas inéditas de autores paraibanos. Este é o grande lance que nos interessa. Além de publicar só quadrinhos brasileiros, três eram paraibanos. Claro que isto não se deu ao acaso ou ao gosto e sensibilidade de qualquer direção do jornal. Não fosse o braço forte de Deodato Borges, o das "Aventuras

do Flama”, inveterado curtidor de quadrinhos e nada disto teria acontecido. Deodato era diretor de arte, organizava a página de quadrinhos e iniciou as críticas aos quadrinhos na Paraíba.

Vamos aos nomes dos personagens e dos autores paraibanos: “AduB, o camelo” de Juca e Marcos (Tavares), “Planeta Maluco” do próprio Deodato Borges, e “Shangai”, de Richard Muniz. Todos eles funcionários de “O Norte”, Richard e Juca eram desenhistas e Marcos Tavares editor. Cada um tratava de temáticas diferentes. Digamos que eram traços personalizados, diferentes de quaisquer quadrinhos existentes, brasileiros ou estrangeiros. Se isto é bom ou tem importância? É claro que sim. Nossos quadrinhos renasceram, como nas vezes anteriores, de maneira completamente original, o que valoriza o esforço criativo de nossos artistas.



A sátira política sempre atual de “AduB”.

De super herói, western a sátiras políticas e sociais, estavam vivendo nossos quadrinhos.

Richard, mais amarrado nos clássicos quadrinhos de guerra e western, construiu o personagem “Shagai” através de um primoroso traço, se igualando aos melhores desenhistas do gênero. Em algumas aventuras escrevia o texto e desenhava, em outras, dividia a criação com Marcos Tavares, que fazia as histórias.

“AduB, o Camelo”, genial criação de Marcos Tavares e Juca é, sem dúvida, um dos melhores quadrinhos brasileiros publicados até hoje. Sua sátira política à guerra no



O traço humorístico do mesmo autor do "Flama".

O Oriente Médio era feita de um sarcasmo e uma ironia tão bem trabalhadas que não perderam a atualidade ainda hoje. Também hoje há guerras no Oriente Médio e, por certo, haverá ainda por muito tempo. Mas até lá, caso alguém conheça o trabalho destes artistas, se espantará com sua contemporaneidade.

"O Planeta Maluco", de Deodato Borges, é um trabalho satírico sobre as aventuras de um ser extra-terrestre que chega à Terra e não entende nada do inferno que é a luta dos homens pela sobrevivência. Centrando suas histórias em ambiente urbano, onde o caos não poderia ser melhor representado, Deodato passa do traço clássico do super-herói da época do "Flama", para um traço mais solto e caricatural, bem dentro do espírito de sua nova tirinha.

Deodato ainda fez algumas tiras de Adub sozinho e com Marcos Tavares, quando Juca saiu do jornal e se ausentou do Estado.



O clássico desenho de Richard Muniz.

Além da repressão aos jornais através da censura oficial – nossos quadrinistas não podiam tocar em temas que ofendessem à segurança nacional – o que mais caracteriza este momento dos quadrinhos paraibanos, além das próprias criações, é a íntima ligação que mantinham seus autores, uns trabalhando e ajudando aos outros, ora escrevendo, ora desenhando, fazendo um dos momentos mais brilhantes de nossos quadrinhos.

Passado o primeiro momento de euforia e participação espontânea dos quadrinistas paraibanos, desiludidos pela falta de reconhecimento profissional de seus trabalhos que nunca foram pagos pelo jornal, deixaram de fazer quadrinhos e se dedicaram por inteiro à publicidade como meio de sobrevivência.

A cuca do Cuca

Assis Vale, um garoto de apenas 13 anos, lançou em 1974 sua primeira revista em quadrinhos, “Cuca”, causando surpresa aos leitores mais interessados nesta arte. Nesta época Assis era considerado o pioneiro das Histórias em Quadrinhos na Paraíba, pelo menos para os que estavam se iniciando nesta arte e desconheciam os quadrinhos publicados anteriormente. De qualquer forma, Assis conseguiu

CUCA



Versão tupiniquim de “Charlie Brown”.

um feito incrível, enfrentar o complicado e custoso processo que é publicar uma revista. “Cuca” era um novo marco e um impulso incentivador para os novos desenhistas. Capa em duas cores, formatinho, 34 páginas em preto e branco, a revista foi uma produção de Assis ajudado por algumas

empresas comerciais. Mas a revista do "Cuca" não conseguiu ultrapassar o número um. Os fotolitos do segundo número chegaram a ser feitos mas o alto custo da edição não deu condições para que o projeto fosse à frente.

Segundo Assis, que nos anos seguintes publicou seus personagens nos suplementos dominicais que apareceram em João Pessoa, "Cuca é um menino de oito anos, um garoto prodígio, que faz a maior revolução do mundo para votar no presidente da República, mesmo sendo presidente de um clube de futebol de rua, acompanhado de Joquinha, um menino de seis anos que é retardado, mas que por ser retardado é altamente precoce, e a menina Rosilda, de dez anos, que é apaixonada pelo Cuca, que não se importa muito com ela, pois na verdade ele tem medo de meninas. O Cuca é um menino, é criança e pensa como criança, ele não deixa de viver suas aventuras de criança marôta, moleque de rua que brinca com outras crianças. Ele foi o que eu fui".

O "Cuca" é um personagem que se poderia classificar de infantil mas destinado para um público adulto, sem com isto deixar de agradar às crianças. Possui muitos traços de desenho e de personalidade que o identificam com famosos personagens da História em Quadrinhos mundial, como Mafalda e, principalmente, Charlie Brown por causa de seu traço extremamente simples e limpo e suas sátiras inteligentes. Antes de ser um mal, a aproximação com os personagens citados só tem a ganhar já que Assis Vale ao ler criticamente estes quadrinhos, adaptou a ironia e a sensibilidade que eles encerram para uma realidade autenticamente brasileira, sem cair no regionalismo, sendo ao mesmo tempo universal.

Assis parou de fazer quadrinhos no período de 77/78, segundo ele, pela necessidade de aperfeiçoar seu trabalho, concentrando todo o seu potencial de criação para jogar numa revista de uma vez por todas. Deste esforço surgiu um novo personagem chamado Potó, um inseto que, por causa de sua condição de inseto, podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo ou em lugar ne-

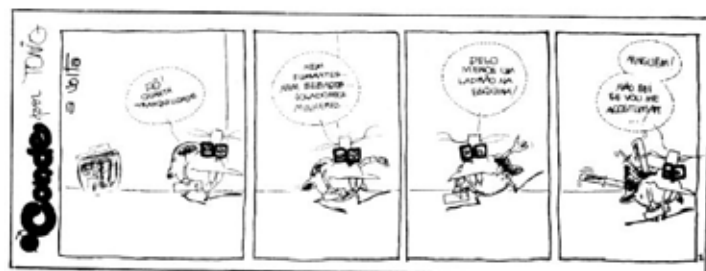
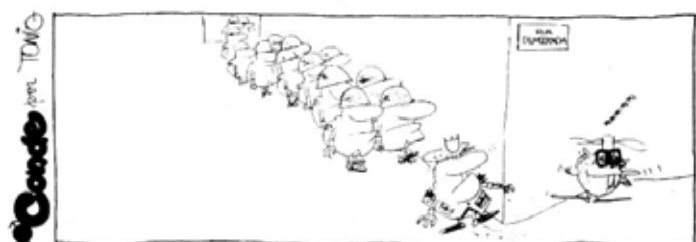
nhum. O Potó seguia a mesma linha crítica do “Cuca”, como crítico era o autor que, inconformado com as dificuldades em fazer suas revistas, discutia com outros desenhistas as possibilidades de uma associação e profissionalização da classe.

Assis publicou finalmente sua revista “Cuca” número dois em 1982, em formatinho e com o mesmo número de páginas da anterior, produzida pela “Oficina Literária” da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

O vampiro neurótico

Em maio de 1975 é estampada uma grande matéria de página inteira no jornal “A União” descrevendo e comentando a criação do jovem de 21 anos, saído de Santa Rita, cidade periférica de João Pessoa, para acrescentar ao universo das Histórias em Quadrinhos paraibanas mais um grande personagem. Seu autor: Tônio. O personagem: O Conde.

Antes deve-se dizer que “A União” também, a partir



Um dos traços mais personalizados de nossos quadrinhos.

deste ano, adquirira um equipamento off set e já imprimia às suas páginas, a melhor feição gráfica, o que se mantém até hoje.

Foi neste mesmo ano, 1975, que surgiu em meio a personagens de Maurício de Sousa, um estranho personagem, nunca visto pelo leitor mais assíduo aos quadrinhos. Aliás, para estes leitores qualquer novidade salta logo aos olhos e "O Conde" era uma novidade visível demais para ser confundido. O traço que Tônio foi desenvolvendo para "O Conde" era de uma originalidade tão grande que, à primeira vista, se julgava tratar-se de um grande desenhista internacional distribuído pelos tais "syndicates" americanos. Mas Tônio era mesmo da terra, como o nome não deixaria negar. O interessante era que, como o personagem era recém-criado, dava para se perceber, diariamente, as mudanças e o crescimento que ele sofria em traço e estrutura psicológica.

Muitas tiras de Tônio, com certo tempo, foram divididas em autoria com Marcos Tenório, que fazia o texto. Se de início "O Conde" era uma criação exclusiva de Tônio, com o tempo e com o envolvimento de Tenório na concepção do personagem, ficou impossível separar os dois autores que no final da série, que não chegou a cem tiras, já se dizia tranquilamente que Tônio e Tenório eram os pais d'O Conde.

Mas quem era "O Conde" afinal de contas? "O Conde" era um anti-herói que gostava de sangue. Um vampiro que estava sempre à procura de vítimas mas na realidade nunca as encontrava.

Barreto Neto, crítico de cinema e quadrinhos, diretor de A União na época, é quem dá uma visão mais abrangente sobre a criação de Tônio e Tenório: "Produto da cultura de massa, "O Conde" reflete também as neuroses mais pertinentes da sociedade de consumo. Tem as mesmas deformações psicológicas, os mesmos complexos, os mesmos temores dos filhos da tecnologia. E, naturalmente, também as mesmas frustrações: quando grita Shazan!, esperando transformar-se no Capitão Marvel, num super-

vampiro, termina regredindo à condição de mísero rato. Por isso, talvez, não queira perder a vinculação com o arquétipo clássico. E usa morceguinhos para levar mensagens à namorada”.

Tônio e Tenório conseguem transgredir o natural e, através do sobrenatural, manejar com sutileza o humor ao ponto de desencadear o riso.

“O Conde” parou precocemente para os quadrinhos paraibanos, por causa de um problema que atormentará os quadrinistas por muito tempo. Tônio é funcionário do jornal “A União”, desenhista, no entanto, não recebia nada para fazer “O Conde”.

Outro personagem de Tônio foi “Angie”, menina meiga, de rostinho delicado e que mantinha diálogo com o autor. “Angie” foi criada um pouco antes do “Conde” e foi publicada nas páginas do Caderno Feminino de “A União”. Como era um personagem dirigido a um público específico e não tinha grande repercussão, Tônio largou “Angie” e entrou de vez em sua grande criação: “O Conde”.



Junto com Deodato, os pioneiros de nossas tiras diárias.



Da Rádio Borborema para as histórias em quadrinhos.

A EXPLOÇÃO DOS SUPLEMENTOS

Assalto às redações

Um fato novo estava se preparando para acontecer em meados de 1975 que viria modificar e ampliar tudo o que já se vinha fazendo em quadrinhos na Paraíba. Em 29 de junho surge o primeiro suplemento dominical de quadrinhos, coordenado pelo conhecido nosso Deodato Borges, que mais uma vez dava um passo para a efetivação dos quadrinhos em nosso Estado. "O Norte em Quadrinhos", como se chamava, era suplemento de "O Norte", naturalmente. Neste momento "O Norte" era o único jornal capacitado a assumir um empreendimento como este. O "Correio da Paraíba" não podia nem sonhar em publicar quadrinhos, muito menos um suplemento, já que seu tipo de impressão ainda era tipográfica e suas ilustrações feitas através de clichês. Também "O Correio" nunca foi um jornal que assumisse vanguarda pois era um jornal de menor recurso técnico e econômico. Vivia tentando buscar formas de sobreviver às inúmeras crises financeiras e não poderia pensar em gastos extras nem em investimentos que não trouxessem lucro imediato para o jornal. Os quadrinhos não trariam, evidentemente, porque o que vende jornal ainda são as manchetes sensacionalistas, que na maioria das vezes são falsas, e não a produção de um trabalho artístico.

Já de "A União" não se poderia dizer o mesmo. É certo que o jornal não tinha lucro, era impresso em tipo-

grafia e tinha mesmo era prejuízo, mas, como era sustentado pela gráfica e editora e, principalmente, tinha o aval do Estado, já que era um jornal do governo, passava incólume por qualquer crise. No entanto, "A União" também não havia despertado para os quadrinhos. Mas como o jornal era oficial, todo governo que subia ao poder modificava também sua equipe de jornalistas e a direção do jornal. Por causa disto, teremos algumas surpresas que serão relatadas mais tarde.

Voltando a "O Norte em Quadrinhos", o tablóide surgiu sem que ninguém esperasse e foi uma das melhores notícias seu aparecimento, para quem estava acostumado a se limitar a filar vez ou outra o "Júnior" do "Diário de Pernambuco". Finalmente a cidade teria seu suplemento onde se poderia ter um contato maior com seus organizadores, não apenas por carta, para, quem sabe, a publicação de desenhos.

Como João Pessoa é uma cidade relativamente pequena e todo mundo é vizinho, todos os meninos que desenhavam se sentiam familiarizados com o suplemento infantil de "O Norte" e viviam invadindo sua redação com seus desenhos. Eu era um deles e já no segundo número tinha uma tirinha publicada do personagem "Nhôriquinho" que logo foi abandonado em busca de uma criação mais elaborada. Com "Nhôriquinho" foram inauguradas as colaborações de leitores e logo em seguida o jornalzinho teve que reservar uma página só para os desenhistas da terra, tantas eram as colaborações.

"O Norte em Quadrinhos" tinha oito páginas impressas em preto e branco e no início tinha uma capa que pouco tinha a ver com o jornal, trazia a foto de uma criança que certamente nem se interessava em lê-lo. Mas trazia também bons quadrinhos internacionais como Brick Bradford, Pafúncio, Hagar, Steve Canyon, Asterix, James Bond, Zezé e Príncipe Valente. Com mais algum tempo passou a ter duas cores nas capas e páginas centrais, para finalmente, no número 41, de abril de 1976, estreiar um magnífico colorido em suas capas. Começava o auge do jornalzi-



O humor sutil de Marcos Nicolau.

nho, quando já haviam muitas colaborações constantes que iam além da página reservada aos novos e invadiam todos os cantinhos disponíveis do jornal, dividindo espaço com os figurões dos quadrinhos internacionais. Entre estes quadrinhos estavam “Maria”, de minha autoria e “As Cobras” de Marcos Nicolau. Ressurgiram também as críticas aos quadrinhos estrangeiros feitas por Deodato. Como alguns quadrinhos paraibanos lutaram pelo espaço e acabaram se sobressaindo entre tantos colaboradores, Deodato acabou incluindo-os na lista dos criticáveis, o que significava dar uma certa notoriedade a estes quadrinhos, e foi assim que tiveram destaque especial “Welta” de Emir Ribeiro, “Maria” e “As Cobras”, que chegaram a sair coloridos na capa do suplemento, geralmente em comemoração ao aniversário dos personagens.

Para que não pensem que apenas “Welta”, “Maria” e “As Cobras” eram publicados pelo “O Norte em Quadrinhos”, deve-se dizer que muitos desenhistas apareceram depois que apareceu o suplemento. Alguns já tinham seu trabalho como é o caso de Emir Ribeiro que criou “Welta” desde 1973 e publicava em jornaizinhos mimeografados de grêmios estudantis, e Assis Vale com seu “Cuca”. Mas é preciso ver que foi a partir da publicação no “O Norte em Quadrinhos” que seus personagens vieram à tona e foram conhecidos por milhares de leitores em todo o Estado. Outros, coincidentemente criaram seus personagens na mesma época do aparecimento do suplemento e ainda outros passaram a desenhar como consequência do jornalzinho. Portanto, e por vários motivos, “O Norte em

Quadrinhos” é uma peça fundamental para a criação e divulgação dos quadrinhos paraibanos, fazendo surgir muitos autores e personagens, até o momento em que começou a decrescer e morrer, a partir de 1977.

Da mesma forma que muitos eram os autores, inevitavelmente muitos teriam que ser os temas por eles abordados. Seria difícil e talvez cansativo falar de todos os personagens com tantos detalhes do modo como foi descrito o “Flama”, ou “Cuca”, ou “Aduv”. Também eles tiveram destaque especial porque marcaram época com seu aparecimento. Aqui, digo, neste momento que estamos discutindo, os personagens que marcaram foram aqueles que conseguiram criar um mundo original para suas existências, que tiveram traços próprios, seguros e personalizados e que persistiram na sua criatividade e insistência em permanecer no mundo dos quadrinhos. É claro que para satisfazer a estes requisitos poucos personagens tiveram garra para, inclusive, conquistar um público próprio.

De uma maneira geral, e para que este trabalho não peque por omissão, será descrito um pouco dos personagens que tiveram o mínimo de assiduidade nas páginas de “O Norte em Quadrinhos”. Por ordem cronológica de publicação temos: “Nhôriquinho” de Henrique Magalhães



“Maria” e a sátira do dia-a-dia.

era uma tentativa de fazer quadrinhos infantis que não pretendiam ser uma cópia do mundo Disney ou Maurício pois se preocupava com a solidão, urbanização, etc. Era, no entanto, uma experiência que mais serviu para dar os primeiros traços de quadrinhos ao autor. "As Cobras" de Marcos Nicolau, foi um dos personagens que já nasceu feito, isto é, já tinha uma estrutura como um bom traço e um bom argumento em cima de sátiras políticas e sociais. "Alfredo", de Francisco de Assis Araújo, foi um personagem isolado, que não apareceu muitas vezes mas valeu citar Francisco pois falaremos dele mais tarde, quando discutiremos mais a fundo sua criação mais importante, o índio "Aurê", publicado em tiras diárias em "A União". "Sabido" e "Welta" de Emir Ribeiro, foram dois personagens completamente diferentes, "Sabido" seguia a linha da sátira e desenhos de humor do qual Emir pouco dominava, e "Welta", sua criação maior, enveredava pelos caminhos dos super-heróis. Mas este também não é o momento de falar de "Welta" e Emir, sua importância tornou-se tão grande para as Histórias em Quadrinhos da Paraíba que falaremos mais demoradamente sobre eles. "Maria" de Henrique Magalhães, foi um personagem que quase nasceu nas páginas de "O Norte em Quadrinhos" e cresceu ao ponto de ter tirinhas espalhadas por todo o Brasil. "Maria" também merece um destaque especial. De Henrique Magalhães também é "Vagabundo", um personagem que seguia a mesma linha crítica, satírica, humorística de "Maria" mas que teve menos participação. "Superbum" e "Ramiro" de Guilherme Cabral, eram tirinhas humorísticas que se perdiam nas páginas de colaborações por ter um desenho muito infantil, quase um rabisco. Guilherme, porém, insistiu e produziu muitas tirinhas de seus personagens. "Sandra e o Castelo" e "Topázio Verde" de J. Costa, "meia Noite" de Djalma Francisco, histórias diversas de Mirtzi Ribeiro, "Shifazum" de Robério Soares, e "O Navio Pirata" de Glauco Marinho Rocha, eram quadrinhos que procuravam ter um traço realista enfocando histórias policiais e aventuras de super-heróis. Apesar da boa vontade, estes

quadrinhos pecavam por terem um traço inseguro e muitas vezes perdido na técnica do claro e escuro. Daí destaca-se Robério Soares que mais tarde transformou "Shifazum" em desenho animado, sendo um dos precursores desta arte na Paraíba. "Cuca" de Assis Vale, já é um velho conhecido nosso e dispensa comentários. "Dadá" de Domingos Sávio, **um dos melhores traços dos nossos artistas, nunca se man-**












Archidy Filho teve poucos personagens fixos.

teve por muito tempo num mesmo personagem. O mesmo pode ser dito para Archidy Filho que fazia histórias cômicas sobre pássaros. "Kay France" de Rejane Alves, retratava a odisséia da nadadora paraibana que tentou atravessar o Canal da Mancha. Foi o primeiro e único personagem sobre um pessoa viva, dos quadrinhos paraibanos. O traço era caricatural, não buscando o realismo. "Pingo" de Napoleão Jr., também era um traço caricatural mas versando sobre histórias policiais. "Nêgo Duda" da dupla Tarso e Clístenes, histórias e desenhos, respectivamente, é um dos personagens mais importantes dos nossos quadrinhos. Sátira política e social, "Nêgo Duda" era a representação belamente ilustrada de um cheira-cola, figura típica de nosso subdesenvolvimento, facilmente encontrável entre os lavadores de carros do centro da cidade. "Nêgo Duda" era o retrato da miséria e do abandono em que vive jogada parte de nossas crianças. A dupla desfez-se com a viagem de Tarso e o personagem desapareceu das páginas do jornal, tendo deixado importante contribuição para nossos quadrinhos, apesar de sua existência meteórica. "Zezinho e Zezinha", de Hélio Magalhães, outro de traço extremamente infantil mas com umas tirinhas ingênuas e engraçadas.

Todos estes personagens viveram e encantaram muitos curtidores de quadrinhos no período entre 1975 e 1977, principalmente os seus criadores, que eram os mais satisfeitos ao verem seus desenhos publicados. Mas muitos outros leitores acompanharam o desenvolvimento dos quadrinhos na Paraíba formando um público que questionou e cobrou dos artistas, produções de seus personagens preferidos.

REMANE ALVES **APRESENTA** **KAY FRANCE**

<p>CERTO DIA, ELA VESTIU SEU BÍQUINI, COLOCOU O BANDEJONINHO NA CADEREÇA E SAIU EM DIREÇÃO AO MAR...</p> 		<p>... CAIU ÁGUA, MERGULHO E MÔ-SE A ANDAR, AOS PÉS DOS CLAREIROS DISTINGUINDO DA PRAIA, SEU PAI A OBSERVANDO DE LOUÇA, E SUA REAÇÃO NOS SEUS OLHOS MOSTROU QUE ERA UMA SARDIÇA, PRESURVA A DRELA POSITIVO POR DÍO ENTRE AS ONDAS... FOI AÍ QUE...</p>
<p>... ELA NOTOU QUE NO SEU REDOR SO HAVIA ÁGUA, ELA SABIA QUE DEVIA FICAR CALMA E CONTINUAR A ANDAR, FOSSÉ QUAL-QUERESSE A DRELA...</p> 	<p>E PÓS-SE A ANDAR NOVAMENTE, A NOITE FOI BE APROXIMANDO E ELA SABIA QUE TUDO IA SE TORNAR MAIS DIFÍCIL, DRYAM, LHE ARREPÍOS, TALVEZ, MAS CONTINUOU...</p> 	<p>... QUANTAS VEZES, CRUEDO COM ESTES "BICHINHOS"?</p> 
<p>CONSEGUIU CHEGAR À PRAIA, VU LUVES, QUANDO CHEGOU EM TERRA, REAR CONHEÇO A DESENROLAR, NUNCA MAIS QUE ESTAVAM ME SÓ A SUA PERNA...</p> 	<p>... OS REPÓRTERES, ESPALHARAM-SE NAS PRAIAS, SALES, O SEU PAI CATAVA EM TEMPO DE CALOUZECER, SUA MÃE E SUAS IRMÃS ALÉM...</p> 	<p>OS RADIOS, NOTICIÁRIOS O DE-SARTEAMENTO DE SUAS MÃEQUER, ENQUANTO ELA ERA ABANDONADA EM CASA DE UM MÉDICO.</p> 
<p>ELA DEPOIS DISSE TROSSOU UMOS TEMPOS, REAR TRE-ANOS, O SEU PAI ESTAVA COM MEDO DE MAN-DE, LA DE VOZES AS ÁGUAS, MAS, KAY FRANCE LHO MOSTRAVA UGAMUNO TONAR...</p> 	<p>AGORA A NOSSA KAY É MARCADA EM JORNALS, TELEVISÃO E RÁDÍOS.</p> 	<p>SERÁ QUE ELA AGUENTA MADRE, ATÉ O CANAL DE MANHÃ?</p> <p>ZGÜENTA!!!</p> 

"Kay France", o realismo em uma personagem.



“Nego Duda” um dos melhores textos e desenhos.

Voltemos um pouco a 1975, época em que surgiu "O Norte em Quadrinhos". Por esta época, como já foi dito anteriormente, "A União" já tinha se tornado um jornal impresso em off set e da mesma forma que "O Norte", a febre dos quadrinhos tomou conta de suas páginas. Mas nada acontece ao acaso. Há pouco falávamos que "A União" vive em constantes mudanças em sua equipe de direção, e para a felicidade dos quadrinhos paraibanos, quem assumia uma das diretorias na época da transformação do jornal era Antonio Barreto Neto, curtidor apaixonado das Histórias em Quadrinhos. Foi ele quem viveu caçando quadrinhos para colocar nas páginas do jornal e foi ele quem incentivou a muitos desenhistas a publicarem diariamente em "A União". Junto com ele estava Marcos Tenório, jornalista também fanático da arte quadrinizada. Tenório tinha uma coluna quase diária sobre quadrinhos e foi ele que deu os primeiros incentivos e dicas para os que estavam começando. Por suas críticas passaram "Maria", "As Cobras", "Welta", "Aurê", os trabalhos de Archidy e "Tom Mate" de Clésio. Os trabalhos eram analisados por Tenório no jornal e quase sempre acabava em um papo particular entre autor e crítico. Foi um grande incentivador desta nova fase dos quadrinhos, insistindo, junto com Barreto, para que estes novos ocupassem o espaço diário deixado pelo O Conde. E foi o que acabou acontecendo. O índio "Aurê" de Francisco de Assis Araújo, "Tom Mate" de Clésio, e "Os Pirralhos" de Henrique Magalhães, foram os primeiros a publicar: depois veio Emir Ribeiro, com "Welta".

TOM MATE _____ clésio



Da panela para nossos quadrinhos.

Notava-se, desde o início, n'A União um clima de fraternidade e respeito. Barreto sabia que os meninos estavam começando, que tinham muito a aprender, mas mesmo assim considerava as tirinhas como um trabalho e procurava pagar por elas. Era apenas uma contribuição, qualquer coisa que desse para comprar pelo menos o material de trabalho. Esta preocupação era uma atitude muito digna de Barreto, muito honesta, principalmente

auré

de XICO



O índio representado em sua forma satírica.

se comparada com a frieza com que a direção de "O Norte" olhava os quadrinistas. Não fosse a presença de Deodato n'O Norte e nada daquilo teria acontecido. N'A União era o contrário, a direção investia na arte de fazer quadrinhos. Também a realidade d'A União era outra, sem a preocupação de vender para sobreviver, podia pensar em coisas além de política, futebol e páginas policiais.

Falemos de "Auré", de "Tom Mate" e de "Os Pirralhos", que tiveram vida curta, tão curta quanto as poucas tiras que foram publicadas n'A União.

"Auré" era um quadrinhos satírico com desenhos extremamente soltos, um traço leve e limpo, versando sobre o dia-a-dia de nossos silvícolas. Também considerada uma das melhores tiras de nossos quadrinhos por sua

beleza estética e pelo texto humorístico bem construído. Após a publicação de umas quarenta tiras diárias, desapareceu do mundo dos quadrinhos sem deixar rastro. São quadrinhos que ainda hoje valem a pena ler.

Da mesma forma desapareceu Clésio e suas "Tom Mate" animadas. Seus quadrinhos falavam do reino vegetal e seus personagens, bastante soltos e dinâmicos dentro das tiras, eram pimentões, tomates, cenouras, incluindo lagartos e bichinhos outros que azucrinam nossos temperos.



Apesar de inconstante, Domingos Sávio marcou nossos quadrinhos.

É pena que artistas tão originais tenham desistido ou perdido a motivação pelos quadrinhos. Eles só viriam enriquecer nosso universo quadrinístico.

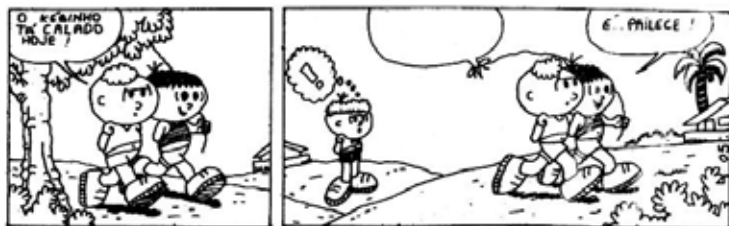
"Os Pirralhos" foram personagens meus, criados com a intenção de ilustrar uma turma de alunos do primeiro

grau. Eram pirralhos como o próprio nome da tira indicava, cheios de manhas e vícios como o desleixado, a sonolenta, o sabichão, etc. Não eram muito interessantes estas tirinhas, apesar de haver algumas muito boas, e o trabalho se esgotou ao chegar às quarenta tiras.

Pouco depois Emir Ribeiro, após publicar duas histórias completas nas páginas de "O Norte em Quadrinhos", já vendo os quadrinhos como um trabalho profissional, por ter sido negada pela direção de "O Norte" proposta de remuneração pelo seu trabalho, abandonou "O Norte em Quadrinhos" e transferiu-se de vez para o espaço de tiras diárias de "A União".

A vez dos pirralhos

Por mais boa vontade que tivessem Barreto e Tenório em incentivar os novos desenhistas a publicarem diariamente, o que ficou demonstrado foi que faltava pique de produção. As tirinhas começavam a sair e com um mês ou dois, no máximo, paravam. A produção de tiras diárias é um trabalho que exige muita dedicação e, acima de tudo, muita criatividade. Estas duas exigências, para os iniciantes em quadrinhos, foram demais, sendo este o principal motivo porque furou a idéia da publicação diária. Pensou-se no revezamento, cada artista publicando um período determinado, mas cadê os artistas? Emir então ocupou o espaço. De certa forma para Emir, apesar de ser trabalhoso, era um pouco fácil. Ele desenhava uma história de "Welta" com sessenta tirinhas sequenciadas, por exemplo, e aí passavam dois meses com uma mesma história sendo publi-



"Kébinho" lembra os personagens de Maurício de Sousa.

cada. Pesado era para os desenhistas de humor que tinham que arrancar todo dia uma piada nova. É outro trabalho. Mas não quero, com isto, minimizar o trabalho de Emir, apenas quero mostrar como era difícil para o iniciante segurar uma tirinha diária.

“A União” não limitou-se a publicar tiras diárias. Como era da ansiedade de todos, em 1976, 18 de julho, sai o primeiro número do suplemento infantil “O Pirralho”, também com oito páginas, tablóide e desde o início com capa e páginas centrais coloridas.

“O Pirralho” foi um suplemento diferente. Desde a capa que era desenhada pela própria garotada que fazia quadrinhos, revezando um a cada semana, até o seu con-



“Cobrinha” de Joselito, engrossou a fileira do humor.

teúdo. Realmente poderia se chamar suplemento infantil pois se dirigia mais a este público que ao juvenil e adulto. “O Pirralho” publicava contos infantis de Anco Marcio, poesias dos leitores, escolinha de arte, falava de datas comemorativas, passatempos e também quadrinhos. O que mais diferenciava “O Pirralho” de “O Norte em Quadrinhos” era ser uma publicação com material exclusivamente brasileiro e quase que poderíamos dizer paraibano, não fossem algumas tiras e passatempos de Maurício

de Sousa. Dos paraibanos tinha a capa, os contos, também passatempos, mais duas páginas de quadrinhos, o que equivale a oitenta por cento do jornal. Com toda essa abertura, facilidades e gratificações por publicação, "O Pirralho" logo tornou-se o QG dos quadrinistas paraibanos. E assim manteve-se durante dois anos, na coordenação da jornalista Wilma Wanda. Wilma era uma pessoa totalmente integrada a "O Pirralho". Ela amava os meninos que viviam à sua volta com material para publicação. Barreto acompanhava de seu gabinete, entusiasmado, os frutos que via nascer praticamente através de suas mãos.

Muitos dos que publicavam n'O Norte em Quadrinhos também publicava n'O Pirralho. Com o tempo "O Norte em Quadrinhos" foi ficando cada vez mais inacessível e com a ascensão de "O Pirralho", o mundo dos quadrinhos paraibanos mudou de sede para "A União"

N'O Pirralho eram publicados os conhecidos "Maria" e "Welta", mas também fez surgir muita coisa nova, como "Dyno" e toda uma variedade de animais personalizados por Danielito. Danielito inclusive conseguiu transformar "Dyno" em marca da extinta loja Gran-Pires e publicou algumas revistinhas do personagem patrocinadas pela loja. "O Imortal" de Alberto Júnior, fazia o gênero super herói. Sem muita consistência, não chegou a concluir uma história. "Calungalo" de Mirson Jr., tinha um desenho caricatural ainda em fase de aprimoramento. "Itabira" de Emir e Emerson Ribeiro, desenhos e histórias respectivamente, o segundo é pai de Emir, trata-se de um personagem histórico, no universo dos índios Tabajaras da Paraíba. Suas histórias de aventuras partiam de pesquisas feitas pelo pai de Emir e este as desenhava com o mesmo cuidado com que desenhava "Welta", destacando-se, por isto, dos traços inseguros dos que enveredavam num trabalho mais realista. "kebinho" de Cloves M. Santos, "Naldinho" de Rosildo, "Béco" de Rosiel, e "Dido" da dupla Bulhões/Mendes, eram quadrinhos infantis que tentavam uma regionalização de seus personagens mas que, na maioria das vezes, acabavam sendo cópia de Maurício de Sousa. Mas en-

tre eles surgiram bons traços que foram se desenvolvendo com o tempo. “Homodiscos” de Rejane Alves, a mesma que fazia “Kay France” para “O Norte em Quadrinhos”, destaca-se pelo seu traço infantil mas ao mesmo tempo diferente do convencional em que se tornaram Mônica e Cia. “Homodiscos” eram histórias de uma página, inteligentes, entre terráqueos e seres de outro planeta. Neste universo fantástico criado por Rejane, foi desenvolvido um dos mais cria-



“Itabira” de Emilson e Emir Ribeiro, a história da Paraíba em quadrinhos.

tivos personagens de nossos quadrinhos. “Cobrinha” de Joselito é outra exceção. Num traço excelente, colocava sátiras ao mundo em que vivemos num suposto universo de cobrinhas. Apesar de ter feito raras tirinhas, foi de grande importância para engrossar a fileira dos quadrinhos humorísticos da Paraíba. Domingos Sávio reaparece com “Cangu-fu” em “O Pirralho” depois de longa ausência dos quadrinhos. “Cangu-fu” tinha o traço inconfundível de Domingos que agora fazia uma paródia da série de televisão Kung-Fu, regionalizando-a para o sertão nordestino. Não teve vida longa, no entanto. E finalmente “Binidito” de minha autoria, personagem infantil dirigido realmente ao público infantil, sem usar um juízo de valores adulto como a argentina “Mafalda”. “Binidito” não tentava se aproximar dos personagens infantis padronizados que existiam no Brasil e fazia uma crítica aos valores do mundo infantil. Era um personagem infantil sem ser infantilóide.

Até aí foi “O Pirralho” com seu mundo quadrinizado. Havia uma média na turma que fazia este suplemento. Uma média em termos de criação, de personagem e de idade de seus criadores. A maioria não passava dos dezessete anos e desenhava, geralmente, coisas que estavam diretamente ligadas a ela. Se se inspirava em Maurício de Sousa era porque se identificava com seus personagens e então desenhava os deles próprios, que não poderia ir além de sua identificação. O importante não é ver “O Pirralho” pela qualidade de seus desenhistas — houveram muitos bons — mas pela força com que uma geração, até então calada, se expressava através de seus desenhos. Enquanto muitos outros garotos ficavam jogando futebol, existiam alguns que estavam preocupados em dizer alguma coisa, seja lá o que fosse, da forma mais verdadeira que podiam, e isto é que é o mais importante, os leitores de quadrinhos passavam de meros espectadores para personagens ativos da sociedade.

Mas acabaram-se “O Norte em Quadrinhos” e “O Pirralho” e deixaram exilados e castrados da palavra, de-



“Binidito” e o universo da criança nordestina.

zenas de jovens quadrinistas. Muitos desistiram de desenhar por falta de perspectivas, já que publicar suas próprias revistas era quase impossível. Nunca se conseguiu articular uma associação ou grupo de quadrinistas que respondesse a situações como estas, talvez pela falta de maturidade do recém-criado movimento de quadrinhos. Ainda era cedo. Motivados pela mesma crise que levou os jornais a suspenderem seus suplementos, as tiras diárias já não tinham espaço para publicação. Então estabeleceu-se o jogo da vida, onde os fracos perecem e sobrevivem os fortes. Infelizmente, a grande maioria não tinha armazenado forças para continuar na luta e sumiu do cenário dos quadrinhos. Os que ficaram, lutaram, mas lutaram com armas que não existiam para poder vencer. Isto é uma história que ainda vai ser contada e que vocês não perdem por esperar, só mais um pouco.

Em que crise financeira se meteram os jornais? Depois do crescimento ilusório do "milagre" econômico, caíram pasmos o povo brasileiro e os empresários que nele acreditaram. Mais uma vez o governo e os grandes trustes tinham passado a perna na nação. O povo ficou cada vez mais pobre, usurpado em seus salários e os empresários se viram à beira da falência e individados. Para piorar o clima de desânimo, o governo cortou os subsídios ao papel, o que fez com que todo o mundo gráfico sofresse um grande abalo. Qual a solução então, para os pequenos jornais? Reduzir suas páginas, cortar os supérfluos, reduzir o quadro de jornalistas, entre outras medidas. Entre estes supérfluos estavam justamente os quadrinhos, que, independente do incentivo de alguns, foram banidos dos planos editoriais.

Em 1980 o "Correio da Paraíba", já em off set, tendo à frente de sua diretoria de arte Deodato Borges, lança o suplemento "O Guri", nos moldes de "O Norte em Quadrinhos". Mas "O Guri" não chegou a durar mais de dois meses, evidenciando a crise em que meteram nosso jornalismo.

TIRAS DIÁRIAS E CENSURA

Se alguém pensou que, com a morte dos suplementos morreram os quadrinhos na Paraíba, enganou-se. Tudo ficava mais difícil mas a experiência de publicação tinha fortalecido alguns desenhistas que lutaram com toda garra contra a falta de espaço nos jornais, contra a censura, mesmo em época de “abertura”, contra um mercado fechado para publicações artesanais e contra uma série de outras dificuldades inerentes não só aos quadrinhos, mas a qualquer arte. Os nomes destes desenhistas: Emir Ribeiro e Henrique Magalhães, criadores de “Welta” e “Maria”, respectivamente.

Mesmo antes de acabarem com “O Pirralho”, Emir já estava trabalhando em outras frentes, como sua própria revista e a publicação diária de “Welta” em “A União”. Também eu já vinha fazendo experiências com a publicação diária de “Maria”. Primeiro publiquei n’O Norte durante oito meses, entre março e novembro de 1977 e só saí de lá por uma questão de respeito ao trabalho que estava desenvolvendo. Após tanto tempo de publicação gratuita, a direção do jornal disse, clinicamente, que não pagariam pelo trabalho pois já estavam fazendo um grande favor em deixar de publicar uma tira estrangeira (paga) para ceder o espaço a uma tirinha paraibana. Ao exemplo de Emir, “Maria” saiu das páginas de “O Norte” e “O Norte em Quadrinhos” e foi muito bem recebida pela equipe de “A União”, sendo publicada em seu suplemento. Nesta época “Maria” e “Welta” já estavam bastante conhecidas na cida-



Os incríveis "Homodiscos" de Rejane Alves.

de e os leitores dos jornais ficavam cobrando quando quaisquer destes dois personagens desapareciam. "Maria" também já se aventurava em revista própria, como veremos mais adiante.

Com o fim de "O Pirralho", "Maria" ficou um período em hibernação, enquanto "Welta" seguia firme nas tiras diárias n'A União". Em abril de 1979 voltava "Maria" a ser publicada, desta vez em tiras n'A União seguindo um percurso de dez meses sem interrupção. Mas não pensem que foi fácil enfrentar estes dez meses. "Maria" tinha pique, estava lá, em dia, na redação do jornal, sempre com tiras novas, sempre atual à realidade à sua volta. Porém esta atitude, unida ao seu senso crítico, acabou causando muitos problemas.

Quando "Maria" passou a ser publicada diariamente, muita coisa havia mudado em nossa sociedade, em "Maria" e na direção de "A União". Vivíamos a proclamação da "abertura política", um novo governo que prometia fazer do Brasil uma democracia, a anistia, a volta dos exilados, novas idéias nas cabeças, novas concepções de luta política, a política do corpo, o topless escandalizando nossas praias, muitas preocupações com os tabus das minorias e muitas discussões. Vivia-se uma nova euforia de que finalmente os civis poderiam opinar sobre o crescimento e desenvolvimento mais adequado para o país. Confraternizações. O Governo reconciliava-se com os órgãos de imprensa anunciando o fim da censura. E foi justamente sobre a censura, uma das frases mais marcantes do novo governador indireto da Paraíba, Tarcísio Burity, que dizia, em outras palavras, que não conhece democracia sem liberdade de imprensa. Guardem esta frase que ela vai se encaixar novamente em nossa história. Como foi dito, "Maria" também mudou. É claro, com tanta coisa nova no cenário nacional, "Maria" tinha que acompanhar os acontecimentos para não ficar perdida no tempo, já que este personagem estava calcado encima de sátiras ao dia-d-dia. "Maria" era quase uma charge, não fosse a forma de quadri-nhos.

Pois bem, em 1979 Agnaldo Almeida, novo editor d'A União, abre espaço no jornal para a publicação de "Maria" e, é claro, imediatamente estavam as tiras lá. Correu tudo muito bem, pelo menos nos primeiros meses de publicação. Com o tempo, porém, passado o "auê" da "abertura" e as salvaguardas, novos instrumentos de repressão do poder, começando a botar as garras de fora, começaram a acontecer coisas estranhas com as tiras de "Maria". Vez ou outra, misteriosamente, desaparecia uma tirinha da mesa do editor. Outras vezes, descaradamente, o texto era suprimido em partes significativas tirando o sentido da tirinha, sem que houvesse uma explicação para o fato. Foi tentado o diálogo mas o editor apresentava sempre motivos poucos convincentes para tais atos, como falta de humor, etc. Se a razão fosse esta não era preciso perder as tirinhas mas simplesmente devolvê-las ao autor. "Maria" continuou com a mesma crítica como a feita ao conflito de terras em Alagamar. Era uma série de seis tirinhas correspondentes a uma semana. Foram cortadas todas e imediatamente "Maria" estava expulsa do jornal, mais uma vez com uma desculpa esfarrapada. O editor não assumia seu papel de censor editorial. Ao menos poderia ser sincero, abrir o jogo, dizer que sofria pressões, que estava em jogo seu cargo e blá, blá, blá. A realidade era que, apesar de o Sr. Tarcísio Burity estampar diariamente em seu jornal que desconhece democracia sem liberdade de imprensa, "A União", "O Norte" e o "Correio da Paraíba", os dois últimos dependentes das verbas de publicidade do Estado, estavam sob ferrenha censura, onde se proibia qualquer comentário sobre os conflitos de terra na Paraíba, enquanto usineiros matavam e desalojavam camponeses sob as vistas grossas do Estado. Era esta a "abertura" e a "liberdade de imprensa" que tanto apregoavam governos Federal e Estadual. Foi esta mais uma luta dos quadrinhos contra seu padrao todo poderoso, o Estado.

Emir também sofre umas pressas da direção d'A União, só que ainda na época de "O Pirralho". Em uma

de suas aventuras, “Welta” vendo-se encurralada por bandidos e indefesa, usou a arma mais comum que desarma os homens: baixou as calcinhas. No jornal nem apareceu, apenas insinuou. Bastou isto para surgirem mil represões numa campanha orientada a partir da primeira dama do Estado da época, abalada em seu moralismo e em seu pudor.

Mas muitas vitórias foram somadas à “Welta” e “Maria” e, por extensão, às Histórias em Quadrinhos paraibanas neste período de publicação diária n’A União. Antes de mais nada deve-se acrescentar que os quadrinhos, com a expulsão de “Maria”, ficaram de certa forma muito mal vistos e culminou com a expulsão de “Welta” das páginas de “A União”, sob a alegação de contenção de despesas. O fator econômico, é certo, teve um peso fundamental. Não esqueçam que “Maria” e “Welta” eram pagas para serem publicadas e é aí que está a vitória maior. Eu e Emir conseguimos, após alguma insistência, fazer com que a direção do jornal assinasse nossas carteiras profissional como desenhistas ou cartunistas. Era o passo que faltava para a profissionalização tão almejada. Dos desenhistas, eramos os que mais nos preocupávamos com a produção, procurando pesquisar e melhorar cada vez mais, encarando os quadrinhos como arte e não como mero passatempo, acreditando poder dele sobreviver, como seria o ideal. Foi isto que fez com que a luta não esmorecesse tão logo se apresentasse a primeira dificuldade. Os quadrinhos passaram a ser uma questão de vida, e de sobrevivência. O trabalho era pago com um salário mínimo mas tinha-se a vantagem de não ter hora marcada nem cartão de ponto, além das garantias como FGTS, INPS, aviso prévio em caso de demissão. Era um fato novo para os quadrinhos paraibanos e importante, inclusive, para os quadrinhos nacionais que vivem relegados pelos jornais e editoras.

Acabamos, porém, desempregados, postos na rua com “Maria” e “Welta”, e todos os quadrinhos da Paraíba, mas com esta história pra contar, o que ratifica nossa vitória.

Apelando em seu extraordinário e se recuperou da força de gravidade da Terra. Kaku Maru Fez um. Logo recebeu uma dose de uma máquina amplificadora de ondas superfortes, com o intuito de seu controle de energia. A partir daí quando o deusa Kaku se transformou numa feroz guerreira que possui o corpo sensível a um estado crítico, podendo liberar um tipo desconhecido de energia por qualquer parte dele. Ela se chama

WELTA

ZARK!

NÃO NÃO É UMA HISTÓRIA REPRISADA.

ESTAMOS APENAS RECAPITULANDO OS FATOS OCORRIDOS NO DIA 18 DE JUNHO DE 1980.

QUANDO UM SUPER SATELITE DOS ESTADOS UNIDOS, O STARLAB, COM DEFEITO IRIA CAIR NO BRASIL, LOGO NA CIDADE DE WELTA (*)...

(*) EM "WELTA" Nº 6

"NDESA LOURA ERROU O PRIMEIRO DISPARO QUE DESINTEGRARIA O STARLAB. MAS, O SEGUNDO O TIROU DA ÓRBITA DE BELO HORIZONTE ...

ZAK!

BLAM!

"E ELE DESINTEGROU-SE NO PACÍFICO. UM DE SEUS PEDACOS DESTRUÍU UMA ILHA INTEIRA."

"E ASSIM, TODOS SUSPIRARAM ALIVIADOS DEPOIS QUE OS OUTROS PEDACOS CAIRAM NO MAR ..."

A maior criação de Emir Ribeiro ultrapassou as fronteiras da Paraíba e conquistou o Brasil.

AS ORIGENS

O nascimento de Welta

Segundo narração de Emir, "foi no dia 18 de janeiro de 1973, quando num pic-nic com sua turma do colégio, Kátia penetrou no bosque e deparou com um ser de pele branca, que era esmagado pelo peso do ar e gravidade da Terra, milhares de vezes mais denso e maior que os de seu planeta natal. Depois de captar o idioma que Kátia falava (o português, claro), a instruiu como salvá-lo. O ser extraterrestre pediu a Kátia para apanhar numa nave estranha uma caixa, de onde acumulou no corpo uma carga de raio, como se estivesse se restabelecendo. Dizendo estar agradecido por ter sua vida salva, o ser de nome Snhirko prometeu realizar qualquer desejo dela com um amplificador de ondas cerebrais, que tinha a propriedade de elevar à escala máxima a força mental da criatura que recebesse a dose, conferindo a esta por poucos segundos, o poder de tornar real qualquer desejo. Embora cética, Kátia fez a experiência e se transformou em Welta (nome criado por ela depois), uma loura com dois metros e vinte de altura, capaz de irradiar energia por qualquer parte de seu corpo.

A partir daí, Kátia poderia se transformar em Welta. Passaria a adotar um nono uniforme: uma tanga sumária de design atraente, luvas e botas. Para se locomover com mais velocidade ela passaria a utilizar uma motocicleta de cor vermelha sangue e sairia em busca de aventuras pelo

Brasil afora no combate de criminosos e malfeitores.”

Para Emir, a figura de “welta” surgiu numa pintura a óleo que ele mesmo fez. O tipo físico pareceu perfeito para um personagem de histórias em quadrinhos e assim foi feito. Com o tempo ela foi se definindo melhor, evoluindo, surgindo aos poucos suas particularidades.

“Welta” nasceu a partir de modelos dos super-heróis americanos. Até seu verdadeiro nome, em vez de Kátia Maria Faria Lins, como é hoje, era Kate Fills. Teve suas primeiras histórias publicadas num jornal mural de colégio sendo depois publicada numa revista do grêmio estudantil. Já aí “Welta” chamava a atenção de muitos leitores, mas foi com o lançamento em “O Norte” e n’A União que “Welta” alcançou uma maior divulgação.

A partir de 1978 Emir começou a publicar sua própria revista, apesar das dificuldades encontradas e dos “não” recebidos.

Maria e sua criação

Em 1975, cansado de reproduzir os quadrinhos de Maurício de Sousa e Walt Disney, resolvi sentar e colocar a cabeça pra funcionar. Teria que sair algum personagem inédito dali. Já havia pesquisado nas bancas e nas revistas os personagens existentes para não cair numa repetição. Desenhei uma mulher baixinha, de cabelos encaracolados e de peitos grandes. Em paralelo ficou definido que seria uma solteirona sempre em busca de marido.

Mas praticamente foram criadas duas “Marias” uma em 1975, a que foi descrita, e outra em 1977, uma “Maria” crítica de nosso momento político e social, convivendo com as alegrias e angústias de nosso povo. A segunda, porém, não foi uma criação isolada da primeira, foi o desenvolvimento progressivo do personagem, tanto que manteve a essência que serve de ligação entre as duas, a simplicidade de suas palavras.

O fato de “Maria” ter deixado de ser uma “caçamaridos” para ser um personagem conscientizado tem

muito a ver com o amadurecimento do personagem, que deixou de ter a função exclusiva de divertir, fazer rir, para refletir as situações que a rodeavam, a analisar, criticar, usando adequadamente o grande veículo de massa que é as histórias em quadrinhos. Neste mesmo momento em



O povo é a inspiração de "Maria".

todo o Brasil estourou o lançamento de quadrinhos nacionais fazendo críticas sociais e combatendo os quadrinhos a serviço do imperialismo. Esta tomada de posição do quadrinho nacional também teve um papel importante para a mudança radical da personalidade de "Maria". Este processo se aprofundou e acelerou mais a partir do momento que, num desafio espontâneo, "Maria" teve que enfrentar a publicação diária em "O Norte".

Mais sobre "Maria", tem a palavra Tenório e Deodato que sempre acompanharam e criticaram a evolução do personagem. Nas críticas, sempre uma comparação, de uma maneira positiva, com grandes personagens dos quadrinhos mundiais. Já no início da criação de "Maria", Tenório dizia: "Henrique é dono de um senso de humor, espírito criativo, as suas histórias e personagens tem um sabor bem brasileiro, representando no melhor estilo de um Mell Lazarus (de Mai...ê), Quino (Mafalda), Schulz (Peanuts) e outros. É uma crítica mordaz à classe média e os conflitos psicológicos, anseios e frustrações que cerca seus personagens". ("A União", 15/8/75).

Mais recentemente Deodato escrevia no "Correio da Paraíba": "A temática das histórias de "Maria" — não o mundo em que vive, mas as palavras que usa para criticar a sociedade — lembra, sem dúvida, os textos de um dos mais incríveis criadores de personagens de quadrinhos de todo o mundo, Al Capp, que transferiu para um povoado Brejo Seco, onde viviam Ferdinando, Violeta, Tulipa, os irmãos ouriço e muitos outros, todos os problemas e neuroses da sociedade americana". ("Correio da Paraíba", 10/8/82).

ALTERNATIVAS DA PARAÍBA

Pode-se tranquilamente dizer que a Paraíba tem uma certa tradição em publicação de revistas em quadrinhos, o que, é claro, foi conquistada com muito suor e muita batalha de aventureiros isolados que acreditaram na arte que estavam fazendo.

Sem muitas lamentações tipo o Estado não ajuda, não há órgãos de apoio, não há incentivos, etc., é necessário que se descreva a odisséia que é o processo de produção de uma revista. O primeiro passo é a confecção dos originais, o que para alguns observadores pode parecer fácil, mas é uma das fases mais trabalhosas já que exige muita dedicação para a criação, esboços e arte final, para que se tenha um bom produto. Depois é o choque da tomada de preços nas gráficas. Com o constante aumento do custo de vida e o preço altíssimo do papel e material fotográfico e de impressão, torna-se absurdo o valor de qualquer impressão simples. Naturalmente não possuímos este dinheiro e corremos em busca de ajuda no comércio, que nos bate a porta na cara, com raras exceções, mas que assim mesmo não passam de esmolas em troca de uma publicidade. A realidade é que ninguém acredita no valor artístico dos quadrinhos, nem mesmo os que dirigem os órgãos de cultura do Estado, da Universidade e outros. Junta-se alguns trocados e volta-se à gráfica para imprimir a revista. Se não se tiver cuidado, o preço já terá duplicado e aí começa tudo de novo. É nesta fase que muitos desistem. Porém outros vão em frente e conseguem lançar suas revis-

tas numa festinha ou simplesmente pondo-as nas bancas através da distribuidora. Na imprensa ninguém toma conhecimento a não ser que se corra atrás dos repórteres com matérias já redigidas prontas para publicar, sobre o lançamento, senão não se publica nada. É incrível a nossa imprensa, nela ocorre um fato curiosíssimo: ao invés do repórter ir atrás da notícia, é a notícia que implora a atenção do repórter. Eu cheguei a fazer várias entrevistas comigo mesmo para poder divulgar minhas revistas. Numa terra onde a arte assume o papel de resistência e contestação a todo um sistema social e cultural, é uma pena que alguns de nossos jornalistas não vejam um palmo à sua frente, ignorem o sangue criativo que ferve nas veias da cidade, estejam sempre atrasados, voltados para o passado, de costas ao presente e, conseqüentemente, ao futuro. Onde irá se encontrar esta imprensa?

Além disto, outro problema grave faz com que as publicações locais tenham pouco rendimento. Os banqueiros (das bancas de revistas) desprezam nossas revistas achando que é um produto que não tem público, e as escondem nos locais mais inacessíveis às mãos dos leitores. Preferem expor na frente os tio patinhas e pato donalds que tem uma venda certa a se arriscarem a expor uma revista desconhecida. No momento em que é mais necessária a ajuda para a vendagem da revista alternativa, no caso tendo uma boa exposição, é negada por ignorância do vendedor, que na ânsia pelo lucro e sobrevivência, nega espaço às nossas revistas em favor dos enlatados. A venda então é pouquíssima. De uma tiragem de mil ou quinhentos exemplares, que é a média de nossas revistas, se vende apenas duzentos ou cem exemplares, o que é o maior prejuízo para seu produtor. A única saída é a venda em mãos ou por reembolso postal para uns seletos leitores de Histórias em Quadrinhos nacionais pelo Brasil afora. Depois de tanto trabalho ter que sair mendigando a um e a outro que compre sua revista é demais para o criador. Além de desgastante, é uma atitude que não é simpática para todos e então se empilha as revistas nos fundos da garagem até

que surja ânimo e idealismo para fazer outro número.

Para ilustrar, temos um fato ao mesmo tempo importante e desanimador. "Maria" e "Welta", as revistas mais publicadas na Paraíba, atendendo ao sonho de crescimento de seus autores, com o ímpeto de se estabelecer como produtos paraibanos que venceram sem sair da terrinha, já tinham alcançado um mercado de micro-região, sendo distribuídas em Recife, toda a Paraíba, e Natal, ensaiando esticar mais um pouco para Fortaleza e Salvador. Neste momento de expansão as distribuidoras de Recife e Natal não aceitaram distribuir as publicações da região, por ordem das editoras do sudeste do país. Este foi quase um golpe de morte para nossas publicações. Jamais se esperava um boicote como este.

Mas, apesar de tudo, muitas revistas foram feitas na Paraíba, algumas bem simplesinhas, rodadas em stencil a álcool ou stencil eletrônico, outras de impecável feição gráfica a nível de qualquer grande editora. Tivemos revistas em vários tamanhos, desde as de bolso até revistas gigantes. A maioria em preto e branco e capa em duas cores e até uma toda colorida. Vamos ver devagar como foram estas publicações.

Primeiro foi "As Aventuras do Flama" em 1963 e "Cuca" em 1974, das quais já se falou anteriormente. Em 76 saíram várias revistinhas de oito páginas do "Dyno" de Danielito, contando suas aventuras, patrocinadas pela loja Gran-Pires. Ainda em 1976 saiu a primeira revista "Maria", mimeografada em stencil eletrônico, com 24 páginas, em formatinho, reunindo suas primeiras tiras publicadas em jornal, em comemoração ao primeiro ano de criação do personagem. No ano seguinte sai novamente "Maria" numa revistinha de bolso chamada "Veneta". Também é lançada pelo DCE da UFPb a revista "Ôxente", com charges e quadrinhos onde figuravam "Maria" e "Nêgo Duda". "Ôxente" foi uma revista que era o retrato do movimento estudantil da época, ou seja, quando de seu renascimento e articulação. Em 1978 tem início as séries de

revistas que são publicadas até hoje. Foram lançadas as revistas "10-Abafo" de Emir Ribeiro, que com a continuidade se transformaria em "Welta", e "Maria" número um, início de uma série que já chega a dez revistas. A partir daí é inútil precisar datas de lançamentos de "Welta" e "Maria". É claro que houve muita irregularidade, nem sempre se podia manter a periodicidade desejada, no mínimo de dois meses, e os leitores tiveram que perdoar isto. Melhor mesmo é anotar os fatos mais importantes que aconteceram com as duas séries.

Em "Welta" vale registrar a capa colorida já no segundo número, fazendo um grande contraste com o primeiro. Neste número é contada a origem de "Welta" e a primeira história do índio "Itabira" publicada em revista. O número seis de "Welta" é uma edição de primeiro aniversário da revista, em tamanho gigante, ou formatação, capa colorida, onde o presidente Figueiredo aparece como personagem da história. Algum tempo depois Emir fez a segunda edição desta revista mudando apenas a capa, onde se lia "Da Paraíba para o Brasil". Emir vendia suas revistas além das fronteiras do Estado, por reembolso postal, para colecionadores. "Welta" número sete é a revista mais inacreditável em se pensando em quadrinhos no nordeste, Emir conseguiu lançar uma edição completamente em cores. O número oito, último da série, traz um histórico da criação "Welta".

Emir ainda lançou um número de "Itabira", inaugurando o intercâmbio com desenhistas de outros Estados, no caso, Ailton Elias, de São Paulo, que fez os desenhos. Em "Itabira" também apareceu um outro personagem de Emir chamado "O Desconhecido". Outra revista foi "O Cangaceiro", lançada em convênio com um projeto de arte da Universidade Federal. Nela temos a volta de Marcos Nicolau que orientou as histórias sobre o cangaço e ainda desenhou, com traços realistas, uma história sua. É um ótimo trabalho de Nicolau e Emir. E por fim, Emir publicou em conjunto com José Jefferson a revista "Unauthorized Comics", ou seja, uma edição não autorizada de Batman e Capitão América, desenhada pelo pró-

prio Emir. A edição estava isenta de pagar direitos autorais aos Syndicates por causa de sua tiragem máxima de cem exemplares, conforme a lei americana. Um detalhe: a revista era toda em inglês e serviu como amostra aos Syndicates das possibilidades do trabalho de Emir.

Falemos agora da série de "Maria". Suas revistas variam entre 24 e 36 páginas. Os número um, dois e três foram feitos totalmente independentes e os números quatro, cinco, seis e sete em convênio com um projeto de arte da Universidade Federal. Não pensem que este projeto foi um apoio estupendo, as quatro revistas que deveriam sair em oito meses, acabaram saindo em dois anos, mesmo assim sob muita pressão e luta para conseguir inclusive papel que a gráfica universitária não tinha. O número dois, já esgotado, era uma revista com um caráter especial, retratava de forma satírica uma peça de teatro encenada em João Pessoa: O número um e três eram histórias inéditas, diferentes dos número quatro, cinco e seis que eram seleções de tiras publicadas nos jornais. No número cinco aparece a história de Alagamar, aquela censurada n'A União. O número sete tem a capa colorida e é importante porque reúne vários personagens de vários autores.



"Garibaldo", de Marcos Nicolau, humor no melhor estuo.

Aparecem nela além de uma história inédita de “Maria”, um novo personagem de Marcos Nicolau, “Garibaldo”, personagem satírico e de contestação; e a republicação das melhores tiras de “Auré” de Xico e “O Conde” de Tônio e Tenório. O número oito volta a ser independente e lança a primeira história erótica de “Maria”. Os números nove e dez foram publicados conjuntamente com a Oficina Literária, também com histórias inéditas e com a presença de “Binidito”, mais um personagem meu.

Ressalte-se que, a partir do número seis, começa a aparecer nas contra-capas das revistas a história das Histórias em Quadrinhos da Paraíba, que foi o embrião do presente trabalho.

Outras publicações

“Binidito” número um foi uma experiência inédita, lançada como encarte do suplemento “O Pirralho”, em 1979. Quase toda em cores, “Binidito” vinha numa folha inteira com instruções para os leitores dobrarem e montarem a revista.

“Ôxen” foi uma revista de Cristovam Tadeu em stencil a álcool, que lançava em 80 seus personagens na linha do humor.

Em 1982 é lançada a revista “HQ”, no tamanho duplo formatinho e com excelente impressão de capa (colorida) e miolo. Uma das mais bem apresentáveis revistas de nossa história. A produção foi de Deodato pai e Deodato Filho, com histórias de “Welta” num trabalho conjunto de Emir e Deodato Filho, e com o lançamento de “O Ninja”, super-herói criado por Deodato Filho, inspirado nas artes marciais orientais.

“Donzela Joana” foi um programa da peça teatral do mesmo nome, em forma de revista, lançado em 1978 pela Divisão de Teatro Universitário da UFPb, que trazia a quadrinização da peça feita em estilo realista pelo artista plástico José Crisólogo.

Rosiel fez dez revistas em quadrinho para uma cam-

panha de educação rural promovida pelo MEC e Universidade Federal em 1981, com a grande tiragem para nós, de oito mil exemplares para cada número. Danielito lança em 1982 mais uma revista infantil, agora com seu novo personagem "Chris, a garota de Ipanema", basicamente no mesmo estilo de "Dyno", com melhor acabamento gráfico e maior número de páginas



"Welta" e "O Ninja" juntos na revista "HQ", de Deodato Filho.

As revistas da Oficina

Dirigida por Antonio Arcela a Oficina Literária, órgão ligado à Diretoria Geral de Cultura do Estado, de início se dedicava à publicação e ao estudo de contos e poesias, literatura de uma maneira geral. Em 1982 Arcela resolve abrir um novo campo de trabalho para a Oficina e cria a coleção Cartunistas Paraibanos Hoje, editando a revista "Cuca" de Assis Vale.

Fechados todos os veículos para publicação de quadrinhos da Paraíba, a Oficina Literária criava uma nova perspectiva para esta arte. Logo em seguida a Oficina publicou numa só edição "Maria" e "Binidito" e passei a ser editor da Coleção. Ficou combinado com Arcela que a Coleção não deveria ser fechada a determinado gênero de quadrinhos e sim ser coerente com o recente movimento de nossos quadrinhos, abrangendo as mais diferentes linhas de pensamento, traço e temática dos personagens. A partir de então, foram lançadas seis revistas, entre elas "Welta" e mais uma edição de "Maria", além de estreiar o personagem "Lampirão" de Cristóvam Tadeu, que é uma sátira ao famoso cangaceiro numa revista super criativa onde Cristóvam usa e abusa da meta-linguagem dos quadrinhos; e "Pedro", personagem caricatural de Gilton, em suas aventuras com anjos e santos e alguns mortais no céu.

As Edições Macunaima, onde está inserida a Coleção Cartunistas Paraibanos Hoje, é um veículo valioso para quem quer fazer quadrinhos na Paraíba, livre de qualquer preconceito, exigindo-se apenas que os trabalhos sejam bons. A chance está dada a quem ainda não se desestimulou de todo e aos novos quadrinistas que, com certeza, vão aparecer.

Entre estes desenhistas inéditos estão, sem dúvida, jovens desenhistas do interior do Estado. Há muito que venho recebendo cartas ilustradas que são verdadeiras histórias em quadrinhos de Evandro Brito, de Sumé, onde temos trocado informações e dicas sobre quadrinhos.

Também como iniciante está outro garoto, de Pombal, que vem fazendo experiências com quadrinhos, isto é, escrevendo e desenhando mesmo. Seu nome é Antonio Gomes e pelo jeito, já desenhou várias revistas que não foram publicadas.

Destes e muitos outros inéditos e escondidos em todo o Estado, espera-se, para um futuro não muito distante, uma integração com os antigos desenhistas para levarem em **conjunto suas lutas.**



"Lampirão" e o uso inteligente da metalinguagem.

MARIA

Henrique Magalhães



A partir de 10 de setembro de 1983 "Maria" voltou a ser publicada diariamente em "A União".

OS FANZINES DÃO A DICA

Da mesma forma que eu e Emir formos os que mais nos aventuramos na publicação de quadrinhos na Paraíba, tinha que partir de nós uma outra grande aventura: a tentativa de furar o cerco das grandes editoras ao quadrinho nacional. Nossos quadrinhos foram enviados, cada um em seu momento, separadamente, para as mais diversas editoras do país e grandes jornais e o resultado sempre foi o silêncio, a falta de resposta. Não sabíamos nem ao menos se nosso desenho estava bom ou não, se poderia ser publicado, se não interessava. O descrédito foi o que marcou este contato com as grandes editoras.

Com a Folha de São Paulo ainda consegui algum diálogo, e porque estive lá, através de Maurício de Sousa. A resposta foi a esperada, de que não tinham espaço, que o espaço estava ocupado pelas tirinhas estrangeiras protegidas por contrato, mas que, assim que vencesse o contrato, escreveriam para que fosse publicada "Maria". Naturalmente até hoje não aconteceu.

A Grafipar, do Paraná, onde também estive com meu trabalho debaixo do braço, considerada uma média editora, não consegui editar porque fugia à linha editorial da empresa. Nela Emir teve mais sorte e publicou duas histórias eróticas.

Já em 1977 alguma esperança me surgiu quando recebi resposta da Editora Carneiro Bastos — ECAB, do Rio de Janeiro e que a partir daí, por um bom tempo man-

tivemos forte contato. A ECAB era uma pequena editora de quadrinhos brasileiros que pretendia ser para o Brasil o que os Syndicates são para os Estados Unidos. Distribuía regularmente tiras de "Marly", do capixaba Milson Henriques, para mais de dez jornais de todo o país e tinha em sua "cast" para futura publicação, muitos novos personagens de autores do norte ao sul do Brasil. "Maria" estava entre eles e chegou a ser feita uma experiência de um mês com publicação diária em Vitória. Mas a ECAB, que era o sonho de muitos desenhistas, enfrentava muitas dificuldades para se manter de pé. Os contatos se escassearam e hoje não se ouve mais falar dela.

Ainda contando um pouco das glórias de "Maria", foi publicada pela revista nacional "Caretta", por jornais de grupos feministas do eixo Rio-São Paulo, por uma revista especializada em cinema em Portugal ("Maria" internacional!) e, finalmente, foi publicada durante aproximadamente um mês no mais novo diário de Pernambuco, o "Correio de Pernambuco" que não aguentou o sufoco financeiro e faliu.

Emir que era muito criticado em João Pessoa, onde falavam mal mesmo do fato de "Welta" ser super-heroína, americanizada, etc., foi muitíssimo bem recebido pela pequena imprensa, ou seja, as pequenas editoras geralmente de processo semi-artesanal que existem pelo sul do país. "Welta" e não só "Welta" mas também "O Ninja" e outros desenhos de Deodato Filho encontraram guarida na revista gaucha "Historieta", que já está no seu sexto número. "Historieta" hoje é considerada a melhor revista do país e chega a ser uma revista nacional tanto pelos seus colaboradores, ressalte-se o forte intercâmbio João Pessoa/Porto Alegre, quanto por seus admiradores espalhados pelo país afora. Como "Historieta" existem outras revistas sendo editadas em Campinas, como a "Factus", em Minas Gerais, "Psiu Quadrinhos"; e existem fanzines em vários Estados que divulgam estas revistas e discutem o movimento de quadrinhos nacional, todas utilizando a mesma forma de divulgação e venda, o correio, pelo reembolso e vale postal.

Nestes fanzines destaca-se a divulgação constante das edições de "Maria", de "Welta" e "HQ". Isto é uma coisa muito nova e produtiva para os quadrinhos brasileiros. Todo este intercâmbio a nível nacional, este "disse-me-disse" de leitores, editores e desenhistas, está criando uma nova forma de divulgação de nossos quadrinhos marginalizados, podendo-se afirmar que está-se criando um público do futuro, um público apaixonado por quadrinhos brasileiros, exigente de boa qualidade e com isto, responsável pelo nível cada vez melhor de nossos quadrinhos.



Os quadrinhos educativos de Rosiel Alves.



O cangaço no traço realista de Marcos Niclau.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS QUADRINHOS BRASILEIROS

Os quadrinhos brasileiros vivem um momento de expectativa quanto aos rumos que podem tomar caso seja aprovada na Câmara, a lei que obriga às editoras e jornais que publicam quadrinhos, publicar 50% de quadrinhos brasileiros ou de autores estrangeiros radicados no Brasil.

O assunto, porém, gerou as mais controvertidas correntes de pensamentos no meio dos desenhistas do país. A discussão envolve tanto os criadores quanto as editoras que se verão obrigadas a abrir as portas para as Histórias em Quadrinhos brasileiras, o que não lhes é de todo agradável. O fato cômodo de as editoras receberem quase de graça os quadrinhos distribuídos pelos sindicatos americanos, será abalado pelo caro quadrinho brasileiro, já que este não tem um sistema de distribuição de tiras que, vendendo para muitos jornais, barateie o custo final do produto. As editoras serão obrigadas a pagar o preço justo por uma produção individual e praticamente exclusiva, do desenhista brasileiro. Por exemplo: enquanto uma tirinha de Hagar é vendida em quase todo o Brasil, sem falar que já foi vendida em todo o mundo, ou na maioria dos países que fazem o mundo ocidental, a tirinha de Henfil, "Zeferino", era publicada exclusivamente no "Jornal do Brasil". O sindicato americano que vende "Hagar" tem condições de pagar o valor idealizado pelo autor, depois de feita a arrecadação das vendas, mas os jornais

brasileiros dificilmente quererão pagar por quatro ou cinco quadrinhos nacionais, o valor que merece a criação de nossos desenhistas. Fica o impasse. A solução, do ponto de vista das editoras, seria, logicamente, reduzir ao máximo os quadrinhos em suas páginas, quando não, eliminá-los.

Mas para os que acreditam que esta arte é um bom investimento, o Jornal da Tarde, de São Paulo, sugere que se abra concursos nacionais para a descoberta de valores. ("Isto É", 30/3/83).

Aqui passamos a outra discussão. Muitos dos figurões que fazem quadrinhos no Brasil acham que não temos produção suficiente para abastecer os 50% obrigados pela lei. Outros acham que ainda não temos maturidade suficiente para desenvolver nossos próprios traços e personagens.

Ora, melhor seria não temer a lei por este ângulo. Se formos analisar regionalmente, descobriremos que em cada Estado brasileiro existe uma movimentação na criação de quadrinhos e, quando menos, dois ou três artistas estão habilitados a enfrentar o dia-a-dia da publicação diária. Aqui na Paraíba demos um exemplo disto, tomando o fato de que, de 1975 em diante, uma enxurrada de personagens invadiu os jornais e revistas e pelo menos dois, "Maria" e "Welta", foram publicados por mais de um ano. O mais sensato seria agir como sugeriu o Jornal da Tarde, evitando apadrinhamentos e dando oportunidade a todos os novos desenhistas que vivem afastados do centro de produção das grandes editoras.

Vale lembrar que, antecipando-se ao projeto de lei, o "Jornal do Brasil" e a "Folha de São Paulo" já publicam bastante quadrinhos brasileiros, equiparando-os e superando-os aos quadrinhos estrangeiros.

CONCLUSÃO

É preciso antes de tudo não esquecer que, com lei ou sem lei, só os melhores trabalhos conquistarão um público, seja de imediato, seja gradativamente, e que é preciso ter muita força para continuar lutando por espaços não só os convencionais, as grandes editoras, mas criando nosso próprio espaço, através de revistas independentes e fanzines. Nada nos garante que a lei, sendo aprovada, os que vivem na periferia como João Pessoa, Porto Alegre, Natal, etc., terão espaço no sítio dos consagrados desenhistas brasileiros que vivem em contato direto com as grandes empresas editoras do sudeste do país. Pode-se criar uma briga de foice entre desenhistas para ocuparem o mesmo mísero espaço e isto não é interessante.

Mais importante que isto é unir-se através de associações, sindicatos do tipo americano mesmo, produzir, produzir muito, se aperfeiçoar, criar estilo e seguir em frente. A luta individual, apesar de ter gerado muitos frutos na Paraíba, tende a esgotar os seus guerreiros e botar por água abaixo toda uma esperança de florescimento da arte deste século em nosso Estado.

É preciso não deixar morrer a chama que se mantém acesa nestes nossos vinte anos de Histórias em Quadrinhos. Lutar também pela efetivação da lei e lutar pelo espaço, mas lutar em conjunto, fortalecidos pela força uns dos outros. Exigir da imprensa local abertura para nossos quadrinhos. Continuar contando com o apoio sempre certo de pessoas como Walter Galvão e Carlos Aranha,

jornalistas que conseguem enxergar e não apenas ver o que lhes vai pela frente. Contar com a Oficina Literária, também é uma saída. Brigar por melhores condições de impressão e distribuição para a Oficina.

Os quadrinhos paraibanos deram um salto e se jogaram à frente de muitos de outros Estados. Vinte anos de experiências acumuladas já nos deu densidade para a elaboração deste trabalho. Nele, muitas surpresas. muitos quadrinhos ruins mas um número ainda maior de excelentes trabalhos dignos de serem publicados em qualquer publicação do país, comparáveis aos melhores quadrinhos que se faz no Brasil, para não dizer no mundo.

Nossos quadrinhos tiveram muitas fases, muitas vitórias e muitas crises, mas conseguiram sobreviver na sua melhor forma. O que nos leva a crer que não se apaga facilmente uma história construída através de lutas e conquistas. Uma história em certos momentos fantástica, digna de lutadores igualáveis a nossos super-heróis, em outros momentos ingênua, como muitos de nossos quadrinhos infantis e ainda em outros satírica e mordaz, como grande parte de nossos personagens. Uma história digna de figurar numa história em quadrinhos: A História das Histórias em Quadrinhos da Paraíba.

Junho de 1983

P.S. No momento que se imprime este livro já foram lançadas as revistas "HQ" n.º 2, num trabalho magnífico de Deodato Filho, e "Welta" n.º 8, de Emir Ribeiro, um super-album em comemoração aos dez anos de criação da personagem. A partir do dia 10 de setembro, dia da imprensa, volto a publicar "Maria" em tiras diárias em "A União".

Novembro de 1983.

CRONOLOGIA DE PERSONAGENS POR PUBLICAÇÃO

ANO	PERSONAGEM	TEMA	AUTOR	PUBLICAÇÃO
1963	Flama	Super-herói policial	Deodato Borges	revista "As Aventuras do Flama"
1971	Bat-Madame	Sátira de Costumes	Luzardo Alves/ Anco Marcio	Jornal "Edição Extra"
	Justino, o guarda Eva e o Paraíso	Sátira policial Sátira de Costumes	Flávio Tavares Luzardo Alves	Edição Extra Edição Extra
1973	Planeta Maluco Shangai	Sátira Social Western	Deodato Borges Richard Muniz	O Norte O Norte
	Ađub, o Camelo	Sátira Política	Juca e Marcos Tavares	O Norte
1974	Cuca	Infantil	Assis Vale	Revista Cuca
1975	O Conde Nhôriquinho	Sátira Política Infantil	Tônio e Tendório Henrique Magalhães	A União O Norte em Quadrinhos
	As cobras Alfredo	Sátira Política Sátira Policial	Marcos Nicolau Francisco de Assis Araujo	O Norte em Q. O Norte em Q.
	Sabido Welta	Humor Super-Herói	Emir Ribeiro Emir Ribeiro	O Norte em Q. O Norte em Q.
	Maria	Sátira Política	Henrique Magalhães	O Norte em Q.
	(vários) Super-Bum	Humor Humor	Archidy Filho Guilherme Cabral	O Norte em Q. O Norte em Q.
	Ramiro	Humor	Guilherme Cabral	O Norte em Q.
	Sandra	Policial	J. Costa	O Norte em Q.
1976	Vagabundo	Sátira Política	Henrique Magalhães	O Norte em Q.
	Dadá (Vários)	Sátira Social Aventuras	Domingos Sávio Mirtzi Ribeiro	O Norte em Q. O Norte em Q.
	Meia Noite	Policial	Djalma Francisco	O Norte em Q.
	Topázio Verde	Policial	José Costa	O Norte em Q.
	Shifazum	Super-Herói	Robério Soares	O Norte em Q.
	O Navio Pirata	Aventura	Glaucio Marinho Rocker	O Norte em Q.
	Gavilu	Infantil	Daniel Graneros	O Pirralho
	O Imortal	Super-Herói	Alberto Junior	O Pirralho
	Calungalo	Humor	Mirson Jr.	O Pirralho
	Itabira	Aventura	Emir e Emirson Ribeiro	O Pirralho
	Dyno	Infantil	Daniel Graneros	O Pirralho
	Cacau	Infantil	Cloves M. Santos	O Pirralho
	O Desconhecido	Super-Herói	Emir Ribeiro	O Pirralho
Auré	Sátira Social	Francisco de Assis Araújo (xico)	A União	
Tom Mate	Sátira Social	Clésio	A União	

1977	Kay France	Aventura	Rejane Alves	O Norte em Q.
	Pingo	Policial	Napoleão Jr.	O Norte em Q.
	Négo Duda	Sátira Política	Tarso e Cistenes	O Norte em Q.
	Zezinho e Zezinha	Infantil	Hélio Magalhães	O Norte em Q.
	Homodiscos	Aventura	Rejane Alves	O Pirralho
	Kebinho	Infantil	Clores M. Santos	O Pirralho
	Naldinho	Infantil	Rosildo	O Pirralho
Os Pirralhos	Infantil	Henrique Magalhães	A União	
1978	Dído	Infantil	Bulhões/Mendes	O Pirralho
	Cangu-fu	Aventura	Domingos Sávio	O Pirralho
	Cobrinha	Sátira Social	Joselito	O Pirralho
1979	Binidito	Sátira Social	Henrique Magalhães	O Pirralho
	Béco	Infantil	Rosiel	O Pirralho
	Nesutio (Os Pássaros)	Humor	Archidy Filho	O Pirralho
1980	Garibaldo	Sátira Política	Marcos Nicolau	Revista Maria
1982	O Ninja	Super-Herói	Deodato Filho	Revista H.Q.
1983	Lampirão	Sátira Social	Cristovam Tadeu	Revista Lampirão
	Pedro	Sátira Social	Gilton	Revista Pedro

BIBLIOGRAFIA

- MILLARCH, Aramis, et alli. **Gibi é Coisa séria**. Curitiba-PR, Editora Digital, 1973.
- DORFMAN, Ariel e Mattelart, Armand. **Para ler o Pato Donald**. Rio de Janeiro-RJ, Paz e Terra, 1977.
- CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1977.
- CIRNE, Moacy, et alli. **Quadrinhos e Ideologia**. Petrópolis-RJ, Revista de Cultura Vozes, n.º 7, 1973.
- AUGUSTO, Sérgio. **O mundo dos super-heróis**. Petrópolis-RJ, Revista de Cultura Vozes n.º 4, 1971.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. Editora Ática, 1975.
- GUBERN, Roman. **Literatura da Imagem**. Rio de Janeiro-RJ, Biblioteca Salvat, 1977.
- MOYA, Álvaro de. **Shazam**. São Paulo-SP, Editora Perspectiva, 1977.
- MARTINS, Jefferson de Oliveira. **Os quadrinhos e a ação política do artista**. Petrópolis-RJ. Revista de Cultura Vozes n.º 2, 1979.
- MARQUEZI, Dagomir. **A necessidade de arrasar Patópolis**. Petrópolis-RJ, Revista de Cultura Vozes n.º 7, 1979.
- BARWINKEL, Jorge de. **Páginas de ouro**. Porto Alegre-RS. Revista Historieta n.º 6, 1983.

Uma história fantástica, digna de lutadores igualáveis a nossos super-heróis, em outros momentos ingênua, como muitos de nossas quadrinhos infantis, e ainda em outros, satírica e mordaz, como grande parte de nossos personagens. Uma história digna de figurar numa história em quadrinhos:

A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA PARAÍBA.



"NÊGO DUDA" DE TARSO OLIVEIRA



"O CONDE" DE TÔNIO E TENÓRIO



"SHANGAI" DE MARCOS TAVARES E RICHARD MURIZ